



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

LEANDRO NAZARETH SOUTO

**ASPECTOS ESCATOLÓGICOS NO PENSAMENTO DE
ORÍGENES DE ALEXANDRIA**

**UBERLÂNDIA-MG
MARÇO 2018**

LEANDRO NAZARETH SOUTO

**ASPECTOS ESCATOLÓGICOS NO PENSAMENTO DE
ORÍGENES DE ALEXANDRIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia, durante o 2º semestre de 2017.

Orientador: **Prof. Dr. Rubens Garcia Nunes Sobrinho**

**UBERLÂNDIA-MG
MARÇO 2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S728a Souto, Leandro Nazareth, 1983-
2018 Aspectos escatológicos no pensamento de Orígenes de Alexandria /
Leandro Nazareth Souto. - 2018.
79 f.

Orientador: Rubens Garcia Nunes Sobrinho.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1316>

Inclui bibliografia.

1. Filosofia - Teses. 2. Escatologia - Teses. 3. Salvação (Teologia) -
Teses. 4. Patrística - Teses. 5. Orígenes - Teses. I. Nunes Sobrinho,
Rubens Garcia. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de
Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

CDU: 1

LEANDRO NAZARETH SOUTO

**ASPECTOS ESCATOLÓGICOS NO PENSAMENTO DE
ORÍGENES DE ALEXANDRIA**

Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Rubens Garcia Nunes Sobrinho
Orientador – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. José Benedito Almeida Júnior
Professor – Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr. Roberto Francisco de Oliveira
Professor – Pontificia Universidade Católica – PUC Belém

Ao meu filho João, que me mostra a bondade e misericórdia de Deus com seu amor incondicional. À minha esposa Jaqueline, companheira e incentivadora de todos os meus sonhos e projetos. Aos meus pais Jose e Marli, que se dedicaram e não mediram esforços para dar aos seus três filhos a oportunidade que nunca tiveram: o estudo e a escola. Aos meus amados irmãos Wesley e Henrique, pelo amor e carinho. Aos meus amados sobrinhos Camilla, José, Pedro e Laura, pela leveza de nossos bons encontros. A revisora Cristina, olhar sempre atento aos meus textos. Ao meu orientador Rubens, aos membros da banda José Benedito e Roberto Francisco pela grandiosidade do cuidado em me ensinar, influenciar, motivar e por fazer de mim um Mestre. E aos meus meus amigos queridos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida, pela fé, esperança e caridade enquanto sinal real de Sua Misericórdia.

Ao meu filho João, pelo amor incondicional dado a mim e pela transformação total da minha visão de mundo.

Agradeço a minha esposa, minha princesa, Jaqueline, por me apoiar em todos os meus projetos, por me incentivar a ir sempre além e por me mostrar com nossa família que não podemos medir esforços para realizar um sonho, cujo fim é a felicidade e a tranquilidade dos nossos dias futuros ao lado do nosso amado filho João.

Agradeço aos meus pais Jose e Marli, por sonharem nossos sonhos e por terem sacrificado suas vidas em nosso favor, livres de retribuição, só por amor, por terem dado a oportunidade aos seus três filhos de se graduarem e pós-graduarem, oportunidades que eles nunca tiveram.

Agradeço aos meus amados irmãos Wesley e Henrique pelo amor e incentivo constante nos meus estudos, minhas leituras e as discussões interdisciplinares com a psicologia e biologia.

Agradeço aos meus sobrinhos. À Camilla pelo seu jeito curioso e inteligente de ser, ao José pelo seu carinho e amor constante, ao Pedro pela sua serenidade e amor, e a Laura por despertar em nós o amor mais lindo e delicado possível. Nossos encontros são recheados de leveza e alegria,

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida, que durante toda essa jornada se sacrificaram para dar o máximo de si para que pudéssemos ter um ensino gratuito e de qualidade.

Agradeço aos meus alunos da Faculdade Católica de Uberlândia e da PUC Minas por realizarem meu grande sonho de ser educador e por permitirem que eu possa somar em suas vidas.

Agradeço a minha revisora Cristina pelo cuidado atento aos meus textos.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Rubens Garcia Nunes Sobrinho e aos membros da banca Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior e Prof. Dr. Roberto Francisco de Oliveira por aceitarem o desafio de me ensinar e orientar nesta empreitada, por me defender, me influenciar e me motivar a seguir adiante, mesmo à frente das minhas limitações.

Agradeço aos meus amigos pelos encontros constantes que aliviam o peso do cotidiano e apertam nossos laços afetivos.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho e que agora se torna disponível para toda a comunidade acadêmica.

O ÚLTIMO INIMIGO A SER DESTRUÍDO É A MORTE
(BÍBLIA, 1Cor 15: 26)

RESUMO

SOUTO, Leandro Nazareth. **Aspectos escatológicos no pensamento de Orígenes de Alexandria.**

Professor Orientador: Prof. Dr. Rubens Garcia Nunes Sobrinho. Uberlândia – MG, Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

Professor Coorientador: Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior. Uberlândia – MG, Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

Este estudo tem como objetivo central apresentar os Aspectos escatológicos no pensamento de Orígenes de Alexandria. O trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro apresenta-se a Escola Alexandrina com seus principais expoentes, Panteno de Alexandria, Clemente de Alexandria e Orígenes de Alexandria, suas principais teorias e obras. No segundo, são abordados especificamente a escatologia da pessoa, conceitos essenciais sobre morte e pós-morte, tendo os conceitos de alma, pré-existência da alma e a ressurreição da alma em duas obras essenciais de Orígenes de Alexandria, o “Tratado sobre os princípios” e “Contra Celso”. No terceiro capítulo é tratada a escatologia do mundo, o qual abordaremos conceitos como a doutrina do Logos, o começo do mundo e das causas, apocatástase, restauração universal, consumação e fim do mundo e sobretudo sobre o reino de Deus, esperança dos cristãos. Se por um lado, a obra “Contra Celso” foi um dos mais importantes trabalhos apologéticos do Cristianismo, defendendo-o dos ataques pagãos, por outro, a obra “Tratado sobre os Princípios” foi a primeira tentativa de criar uma teologia sistemática, pois Orígenes analisou com esmero as crenças cristãs referentes a Deus, a Cristo e ao Espírito Santo, bem como detalhes referentes à criação, à salvação e uma análise da ressurreição a luz das Sagradas Escrituras. Sendo assim, o estudo conclui que a obra de Orígenes além de ser uma sistematização das ideias centrais do cristianismo do seu tempo é também um esboço de uma nova ciência, a ciência da teologia bíblica, através da qual cada frase das escrituras era explorada metodicamente para encontrar significados ocultos e alegorias, além dos sentidos essenciais do texto, o que o autor quis dizer, o que de fato diz e o que sempre dirá no futuro para os fiéis e estudiosos bíblicos.

Palavras-chave: Escatologia. Soteriologia. Patrística. Orígenes.

ABSTRACT

SOUTO, Leandro Nazareth. **Eschatological aspects in the thought of Origen of Alexandria.**

Teacher Orientation: Prof. Dr. Rubens Garcia Nunes Sobrinho. Uberlândia - MG, Federal University of Uberlândia, 2017.

Teacher Coorientator: Prof. Dr. José Benedito de Almeida Júnior. Uberlândia - MG, Federal University of Uberlândia, 2017.

This study aims to present the eschatological Aspects in the thought of Origen of Alexandria. The work was divided into three chapters. In the first one the Alexandrine School with its main exponents, Panteno of Alexandria, Clemente of Alexandria and Origins of Alexandria, its main theories and works are presented. In the second, the eschatology of the person, essential concepts about death and postmortem, are dealt with specifically, having the concepts of soul, pre-existence of the soul and resurrection of the soul in two essential works of Origen of Alexandria, principles "and" *Contra Celso* ". The third chapter deals with the eschatology of the world, which will deal with concepts such as the doctrine of the Logos, the beginning of the world and causes, apocastasis, universal restoration, consummation and end of the world and especially the kingdom of God, the hope of Christians. If, on the one hand, "*Contra Celso*" was one of the most important apologetic works of Christianity, defending it from pagan attacks, on the other, the work "*Treatise on the Principles*" was the first attempt to create a systematic theology, since Origen carefully analyzed the Christian beliefs concerning God, Christ, and the Holy Spirit, as well as details concerning creation, salvation, and an analysis of the resurrection in the light of the Holy Scriptures. Thus, the study concludes that Origen's work as well as being a systematization of the central ideas of the Christianity of his time is also a sketch of a new science, the science of biblical theology, through which each sentence of the scriptures was methodically explored for to find hidden meanings and allegories, in addition to the essential meanings of the text, what the author meant, what he actually says and what he will always say in the future for the faithful and biblical scholars.

Keywords: Eschatology. Soteriology. Patristic. Origins.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPITULO 1.....	15
A ESCOLA ALEXANDRINA.....	15
1.1 Os alexandrinos.....	15
1.2 Panteno de Alexandria.....	16
1.3 Clemente de Alexandria.....	17
1.4 Orígenes de Alexandria	22
CAPITULO 2.....	34
A ESCATOLOGIA DA PESSOA.....	34
1.1 Morte.....	34
1.2 Pós-Morte	40
1.2.1 A alma.....	40
1.2.1 A pré-existência da alma.....	44
1.2.1 A ressurreição da alma na obra “Tratado sobre os princípios”.....	46
1.2.2 A ressurreição da alma na obra “Contra Celso”	52
CAPITULO 3.....	58
A ESCATOLOGIA DO MUNDO.....	58
1.1 A Doutrina do Logos	58
1.2 O começo do mundo e das causas.....	60
1.3 Apocatástase, restauração universal.....	62
1.3 Consumação e fim do mundo	67
1.4 O reino de Deus, esperança dos cristãos.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	79

INTRODUÇÃO

A filosofia medieval – período da queda do império romano no século V até o século XV e o início do Renascimento – não costuma receber muita atenção de indivíduos engajados na busca científica da existência humana e do próprio universo, com exceção no tocante a duas correntes distintas: a Filosofia Patrística e a Filosofia Escolástica. As duas concepções religiosas atraem os pesquisadores de todos os tempos exatamente por apresentarem diferentes abordagens.

Por um lado, a Filosofia Patrística (século I ao VII) teve o objetivo de consolidar o papel da igreja e propagar os ideais do Cristianismo tendo como mote as Epístolas de São Paulo e o Evangelho de São João, propagando diversos conceitos cristãos como o pecado original, a criação do mundo por Deus e a ressurreição de juízo final. Por outro lado, a Filosofia da Escolástica (século IX ao XV) retomou princípios filosóficos gregos, sendo que a grande preocupação da igreja era aliar a razão e a ciência aos ideais da igreja católica.

Sendo assim, apesar das contribuições ideológicas e em alguns aspectos científicos, especialmente na geometria, aritmética, música, astronomia entre outras, “a Filosofia Patrística e Escolástica se diferenciam das demais correntes de pensamento pelo fato de não aceitar verdades que poderiam, porventura, contrariar dogmas religiosos e os demais pressupostos cristãos” (PORTAL EDUCAÇÃO, online).

Este detalhe atraiu o interesse por esta pesquisa. Desse modo, o pensamento e os estudos dos pensadores do período da Patrística servem de propósitos para este estudo, sendo resgatados os aspectos iniciais da temática em torno da escatologia, da pessoa e do mundo, especificamente no filósofo e teólogo do século III, Orígenes de Alexandria (185 – 254 d. C).

Sabe-se que Clemente de Alexandria (150 - 255 d. C) é o primeiro autor de sua época a trabalhar conceitos escatológicos, porém é em Orígenes que se constata uma defesa (apologia) do tema e, portanto, o estabelecimento das bases iniciais sobre o escatón¹. Os textos que serão trabalhados são “Contra Celso” (ORÍGENES, 2004) e

¹ *Escatón* ou *eschaton*: incontável, literalmente o último; usado na teologia para se referir ao estado do mundo durante a era pós-histórica do reinado manifesto (apocalíptico) de Deus, imediatamente antes do fim do mundo. Cf. ESCATÓN. *Diccionario-internacional.com*, 13 mar. 2018. Tradução nossa. Disponível em: http://diccionario-internacional.com/definitions/?spanish_word=eschaton. Acesso em: 13 mar. 2018.

“Tratado sobre os Princípios” (ORÍGENES, 2012). Ambos os escritos são marcados por um grande empenho em ensinar (catequese), defender (apologia) e, de certa maneira, estabelecer as bases doutrinárias e dogmáticas do cristianismo de sua época. Alguns temas abordados nessas obras são de fundamental importância para esta pesquisa, sobretudo os ligados à morte, pós-morte, escatologia da pessoa e escatologia do mundo. Nesse sentido, a escatologia da pessoa aborda a visão do homem, ressurreição, juízo particular e lugares/estados da alma após a morte (céu, purgatório e inferno), enquanto que a escatologia do mundo aborda a consumação final (juízo final), fim do mundo e redenção/salvação (soteriologia).

Temas como “a paixão de Cristo”, “as duas vindas de Cristo”, “predição da morte de Cristo”, “a ressurreição”, “os corpos e as almas”, “escatologia” e “a esperança dos cristãos” são apresentados no livro “Contra Celso”. Outros temas, tais como “do fim, ou da consumação”, “a alma”, “a ressurreição” e “as promessas” são apresentadas no livro “Tratado sobre os Princípios”, tendo seu detalhamento e abordagem nos próximos capítulos desta dissertação.

Um ponto que merece destaque é o conhecimento de que a Igreja Primitiva, nos dois primeiros séculos, considerava iminentes o fim do mundo e o retorno de Cristo, fazendo do anúncio da Ressurreição de Jesus Cristo o fundamento de fé, de modo que as lideranças e os pensadores recém-convertidos divulgavam amplamente essa mensagem, seja para a captação de novos fiéis (proselitismo), seja para dar esperança aos cristãos que estavam sendo perseguidos.

O martírio de milhares de cristãos aconteceu durante os primeiros séculos, até que o cristianismo se tornasse a religião oficial do Império Romano, na segunda metade do século III, em 380 d.C. O discurso até então era aquele que dizia ser preciso suportar as provações e as perseguições, pois ao se sofrer todos em Cristo, este não abandonaria seus seguidores no dia da ressurreição, de modo que teriam um lugar melhor reservado ao seu lado e ao lado dos bons nas Bem-Aventuranças². Nessa perspectiva, todo o sangue derramado não era em vão; antes, era como semente espalhada em terra fértil para o nascimento de novos cristãos, a partir do testemunho vivo dos mártires.

Outro ponto essencial é que na Patrística, a pregação da segunda volta de Cristo (*parusia*) se difere da pregação dos apóstolos e dos padres apostólicos do primeiro e segundo século. Enquanto os discursos dos dois primeiros séculos estavam ligados à

² As bem-aventuranças são as oito declarações de bênçãos pronunciadas por Jesus no início do Sermão da Montanha (BÍBLIA, Mt, 5:3-12), cada uma começando com "Bem-aventurados".

esperança nos momentos difíceis em frente do perigo da morte, as pregações dos séculos III a VI tinham um apelo para a conversão e mudança de vida, uma mudança que precisava ser interior, mas também exterior, quase sempre voltada para a ascese e controle total do corpo, de maneira que se buscava uma vida reta acerca da moral e uma espiritualidade contemplativa e prática, ao modo de vida dos padres que migraram para regiões reservadas e/ou desérticas, no estilo de vida dos eremitas.

O reforço de pregação era em cima da mensagem salvífica, isto é, de que Cristo, viveu-morreu-ressuscitou para dar uma vida melhor e, conseqüentemente, um destino melhor à alma no pós-morte (relativo ao homem), de forma que ele mesmo irá reconstruir o Reino de Deus através de um modelo de civilização de amor. Nesse sentido, a consumação definitiva (fim) do mundo (relativo ao mundo) seria melhor para os que aceitassem e vivessem sua mensagem, a mensagem salvífica. Nesse sentido, existe uma escatologia sempre ligada aos conceitos de salvação (soteriologia) do homem e do mundo.

A partir dessas considerações iniciais, este estudo será dividido em três capítulos. No primeiro, apresenta-se a Escola de Alexandria, a fim de contextualizar melhor o período histórico e filosófico que será abordado. Para tal, será contextualizada melhor a obra de Orígenes de Alexandria, a partir dos seus dois antecessores, Panteno, Clemente, ambos também de Alexandria.

No segundo capítulo será abordada especificamente a escatologia da pessoa, tema que discorrerá sobre a visão do homem (corpo-alma), separação do corpo e alma a partir da morte, destinos da alma após a morte (céu, purgatório e inferno).

Por fim, no terceiro capítulo será tratada a escatologia do mundo, consumação final (juízo final), fim do mundo e redenção/salvação (soteriologia). Tudo isso, sempre à luz da filosofia de Orígenes de Alexandria (185 – 254 d. C) nas obras “Contra Celso” e “Tratado sobre os Princípios”.

No epílogo serão apresentadas as considerações sobre a pesquisa dos aspectos escatológicos na filosofia e teologia de Orígenes de Alexandria e suas contribuições para a doutrina e teologia cristã.

CAPITULO 1

A ESCOLA ALEXANDRINA

Neste primeiro capítulo, será apresentada a Escola de Alexandria, a fim de contextualizar melhor o período histórico e filosófico em que estava inserido Orígenes de Alexandria, e quais foram os seus antecessores, Panteno, Clemente, ambos também de Alexandria e como eles influenciaram o seu pensamento.

1.1 Os alexandrinos

O início do século terceiro da era cristã foi marcado por uma intensa luta da Igreja com seus perseguidores. É por isso que os escritos desse período são caracterizados fortemente pela defesa e também pelo ataque, identificados como apologéticos e contra todo tipo de alquimia, seitas ou religiões que trabalhavam com mistério ou com o oculto.

Os alexandrinos fizeram um excelente serviço à teologia e à Igreja, colocando suas primeiras bases e, ao mesmo tempo, formulando sua doutrina, sistemática e dogmática a partir das apologias que faziam em seus discursos e escritos. Ao defenderem a fé, prepararam o caminho para o estudo científico da revelação e fundaram importantes bases para o Cristianismo, que até então carecia de estruturação e sistematização.

O trabalho minucioso de interpretação bíblica servia como uma arma para os autores contra o inimigo ou o confrontador e, ao mesmo tempo, uma ferramenta pacífica de trabalho no interior da Igreja. Todo o exercício intelectual iluminado pela filosofia e religião antiga facilitava a entrada do novo, da nova religião, o Cristianismo no mundo antigo. Nesse sentido, com a chegada do novo, só foi possível se consolidar através de uma ordenação, completa e precisa da fé, de fundamentar racionalmente os novos argumentos da fé cristã.

Em terras estrangeiras, a mensagem penetrava somente com os testemunhos de vida levando a fé e a conversão para a grande maioria do povo, mas para os homens mais doutos e críticos fazia-se necessária uma pregação mais elaborada, uma defesa da fé com argumentos de lógica e também com argumentos filosóficos e teológicos; para

esse público, o processo de conversão se dava por meio das aulas, palestras, pregações e troca de cartas com as dúvidas.

Sendo assim, já no início do século III, foi necessário criar uma espécie de esboço do que seria um instituto de ensino superior atual, que era modelo ideal de organização, no qual se estudava, sobretudo, filologia e ciências da natureza. Ao lado desse influente centro, também existiam importantes polos de cultura judaica, tais como escolas judaicas e gnósticas. Todo esse cenário foi propício para calorosos debates e também de interesse de crescimento e disputa. Foi nessas escolas teológicas que teve início o aprofundamento da ciência sagrada. A teologia, com forte aproximação e influência da antiga filosofia grega com a teologia, é um dos marcos mais antigos do mundo para o estudo das ciências sagradas na história do cristianismo. Os temas mais trabalhados eram a pesquisa metafísica e os conteúdos ligados à fé e também a preferência pela filosofia de Platão e pela interpretação alegórica das Sagradas Escrituras.

Alexandria (Egito), cidade fundada em 331 a.C por Alexandre o Grande, foi o centro de vida intelectual muito antes de o Cristianismo aparecer. Foi ali que floresceu o Helenismo, a fusão entre culturas orientais, egípcia e grega que deu origem a uma nova civilização, com um novo modo de se pensar e viver. A cultura judaica também encontrou lá terreno propício, pois foi lá, em Alexandria, onde o pensamento grego influenciou mais profundamente a mentalidade hebraica. Lá foi feito o trabalho que constitui o princípio da literatura cristã: a formatação da bíblia judaica e grega, que culminou na sua primeira edição, que ficou conhecida como a Versão dos Setenta, porque 72 rabinos (seis de cada uma das doze tribos) trabalharam nela e, segundo a história, teriam completado a tradução em 72 dias.

Alexandria é terra marcada por importantes nomes, tais como Filon (25 a.C a 50 d.C), o primeiro expoente que acreditava fielmente que os ensinamentos do Antigo Testamento poderiam ser combinados com a Filosofia Grega. Desse modo surgiu a primeira visão de uma aproximação entre a filosofia com a religião judaica, na construção da filosofia e teologia cristã, na qual se destacaram também Panteno (? – 200 d.C), Clemente (150 – 215 d. C) e Orígenes (185 – 254 d. C), os quais serão explorados respectivamente neste capítulo introdutório.

1.2 Panteno de Alexandria

Panteno de Alexandria (? – 200 d.C) foi um filósofo estoico. Convertido ao Cristianismo, tornou-se um importante teólogo cristão de sua época, sendo responsável pelos catecúmenos de sua cidade. Depois de um grande tempo na liderança, fundou a primeira escola catequética de Alexandria, a primeira do gênero no mundo. Tornou-se muito influente durante o Cristianismo primitivo e, no desenvolvimento da teologia cristã, influenciou outros nomes, como Clemente de Alexandria (150 – 215 d. C). Depois sucedido por Orígenes de Alexandria (185 – 254 d. C).

O encontro entre Panteno e Clemente foi importante para ambos, pois Clemente havia sido discípulo de outros seis professores antes de conhecer Panteno. Quando o encontrou, disse: "Encontrei finalmente aquilo que procurava". Após muito tempo de convivência e formação, Panteno deixou a escola catequética sob liderança de Clemente e pode empreender uma grande jornada missionária para a Índia, pois havia tomado conhecimento de comunidades cristãs utilizando o Evangelho de Mateus que lhes havia sido deixado em cartas em hebraico, supostamente deixadas pelo apóstolo Bartolomeu em pessoa.

Embora nenhum escrito de Panteno tenha sobrevivido, seu legado é conhecido hoje por causa da influência da escola catequética que fundou e da grande valia dela para o desenvolvimento da teologia cristã, em particular nos primeiros debates sobre a interpretação da Bíblia, sobre a Trindade e a Cristologia.

1.3 Clemente de Alexandria

Clemente de Alexandria (150 – 215 d.C) foi um professor, escritor, teólogo, discípulo de Panteno (? - 200 d. C) e líder da escola catequética de Alexandria, muito influente no Cristianismo dos primeiros séculos e no desenvolvimento da doutrina cristã. Embora acreditasse que a filosofia era boa para o exercício da razão e para fundamentar a fé cristã, afirmava que a única e verdadeira filosofia era o Cristianismo, por isso combatia com veemência alguns filósofos e doutos de sua época, tornando-se um apologista cristão protegendo a fé e elaborando melhor a doutrina cristã consequentemente.

Clemente via que a filosofia grega era boa e que, portanto, deveria ser derivada do próprio Deus. Os homens que filosofam buscavam explicar a realidade e a si mesmos, fugindo dos vícios e paixões que não os permitem desenvolver sua espiritualidade. Os

homens maus, segundo Clemente, não filosofam; os filósofos, ao contrário, mesmos mergulhados no paganismo, com a filosofia já antecipavam ao povo a mensagem de Cristo. Não possuindo nem a Lei (judaica), nem a fé, a verdade sobrevinha aos gregos através da razão. Essa é uma forma indireta de Deus nos comunicar a verdade.

Os homens que viviam na Grécia conforme a virtude, isto é, com honestidade, bondade, coragem, etc., são exemplos de que o Cristianismo tem uma continuidade da filosofia antiga. Clemente exemplifica que a história da verdade é como um curso de água que tem duas grandes correntes: uma nascida da Lei revelada aos judeus no Antigo Testamento; a outra, da razão especulativa dos filósofos gregos. Ambas confluem numa terceira corrente que é a fé revelada do Deus que se tornou carne, o Deus cristão.

Para Clemente, que se esforça em traçar um paralelo entre a filosofia e a Lei judaica, a revelação cristã não veio para abolir essa Lei, mas sim para cumpri-la, como diz o próprio Cristo, quando interrogado sobre o que estava fazendo, quando descumpria todas as leis judaicas. Assim, a fé não deveria abolir a razão, já que ela representa para o grego o que a Lei do Antigo Testamento representa para os judeus. Dessa forma, a filosofia seria útil para preparar a fé àqueles que ainda não a alcançaram e isso seria feito pela justificação racional dos dogmas cristãos. Além disso, a filosofia seria útil aos que já professam a fé, pois ajudaria na defesa argumentativa da fé contra aqueles que a ridicularizam.

Outro modo de comprovar a utilidade da filosofia seria a compreensão de que Deus distribui muitos dons diferentes para cada pessoa. Assim, temos pessoas mais inteligentes, outras mais sensíveis, outras mais observadoras, etc. Se essas características são dádivas, por que menosprezar a razão ao invés de pô-la a serviço da fé, compreendendo que ela também é um dom divino? No entanto, a razão não deve ir além dos limites estabelecidos pela fé. A razão é meramente uma auxiliar da fé. A filosofia é a busca da sabedoria e somente a fé, na verdade revelada, pode atestá-la.

Clemente, em muitas ocasiões aparece realizando exortação aos gregos a fim de convencê-los a deixar as adorações dos seus deuses e dos mistérios escondidos para induzi-los a aceitar a verdadeira religião, os ensinamentos do logos divino, o Cristianismo, focando nos argumentos da redenção e da imortalidade. O argumento bem comum da época aparece nele, o de apresentar a salvação e a ressurreição a partir do exemplo de Cristo que venceu a morte, construiu um templo em cada homem para que Ele se instale de maneira íntima e definitiva.

A filosofia tem um papel importante, segundo Clemente, uma função da soteriologia³, ela é um bem, ajuda o homem a ser melhor e a praticar o bem, para ele a filosofia antiga grega serviu para encaminhar os gentios para Cristo, assim como as Leis de Moisés serviram para conduzir os judeus para Cristo. Clemente era um estudioso das Sagradas Escrituras, sobretudo do Antigo Testamento, assim como Panteno, o qual cita, em seus escritos, como sendo o seu mestre.

Muitas de suas obras foram perdidas, mas sobreviveram três: a primeira, intitulada “Exortação aos gregos”⁴ apresenta Cristo como mestre de um novo reino; a segunda, intitulada “O pedagogo”⁵ destina-se a quem ouviu seus ensinamentos e se converteu ao Cristianismo, já que o texto tem ensinamentos para orientar os recém-convertidos à vida e Cristo e como deveriam se comportar na vida cotidiano; já a terceira obra, “Miscelâneas”⁶, trata de vários assuntos, sendo uma série de anotações da sua visão e do que aprendeu com grandes mestres.

No livro “Exortação aos gregos”, que tem como objetivo a conversão dos gregos e pagãos ao Cristianismo, ele critica a mitologia grega e os cultos de mistério, refuta as doutrinas dos filósofos gregos acerca da natureza de Deus, além de expor a doutrina cristã da salvação. O texto tem um forte caráter proselitista:

[...] se tu queres, recebe, tu também, a iniciação e tomarás parte no coro dos anjos em torno de Deus, enquanto o Logos de Deus se unirá a nossos hinos. Este é o eterno Jesus, o único grande sacerdote do Deus único que também é seu pai; ele ora pelos homens e os exorta: “Escutai, tribos inumeráveis”, mais ainda aqueles dentre os homens racionais, bárbaros e gregos; eu chamo toda a raça humana, eu, que sou o criador pela vontade do Pai. (ALEXANDRIA, 2013, p. 120).

No livro “O pedagogo” (ALEXANDRIA, 2016) que não tem como objetivo instruir a alma, mas torná-la melhor, educá-la para uma vida virtuosa, e não somente para uma vida intelectual, Clemente faz uma analogia interessante. Ele diz que a pedagogia é uma educação de crianças, mas que todos nós somos chamados por Cristo a

³ NOTA DO AUTOR: Soteriologia é basicamente a doutrina da salvação, ou seja, é a área da teologia que estuda a salvação em todos os seus aspectos. A palavra “soteriologia” vem do grego “*soteria*” e significa “salvação” ou “livramento”. O termo “soteriologia” começou a ser utilizado no século 19.

⁴ Nessa pequena obra, Clemente de Alexandria convida os leitores a abandonarem a sua religião pagã em favor do Cristianismo. Cf. ALEXANDRIA, Clemente de. *Exortação aos gregos*. São Paulo: É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda. 2013. Rita de Cássia Codá dos Santos. Disponível em: <https://kupdf.com/download/clemente-de-alexandria-exorta-ccedil-atilde-o-aos-gregos-pdf_58dc3b92dc0d60fb7889719d_pdf>. Acesso em: 19 mar. 2018.

⁵ Cf. ALEXANDRIA, Clemente de. *O Pedagogo*. Campinas São Paulo: Ecclesiae, 2016.

⁶ O *Stromata* é o terceiro trabalho na trilogia de Clemente de Alexandria sobre a vida cristã (os outros são *Protrepticus* e *Paedagogus*). Ele chamou este de *Stromateis* ("Miscelâneas") por lidar com uma variedade de assuntos. Cf. ALEXANDRIA, Clemente de. *Stromata I, Cultura e Religião*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1996.

sermos crianças para entrarmos no reino dos céus. Para Clemente, no batismo, somos iluminados para iluminarmos, e para sermos iluminados nos tornamos crianças, sendo crianças, nos tornamos perfeitos, e sendo perfeitos entenderemos a perfeição da mensagem de Cristo, que é de educar seus filhos no amor. Essa é a sua pedagogia, a do amor. Segundo Clemente, o que importa é a atitude da alma. Enquanto o cristão mantenha seu coração independente e livre de todo o apego aos bens deste mundo, não há motivo para que ele se afaste da sua vida social, cultural, pelo contrário, é necessário esse convívio para que seus amigos e sua cidade sejam impregnados do espírito cristão.

No livro “Miscelâneas” (ALEXANDRIA, 1996), Clemente discute diversos temas das relações da religião cristã com ciência secular, especialmente as relações da fé cristã com a filosofia grega, lembrando que para ele, a filosofia é um dom de Deus, foi concedido aos gregos da mesma forma que a Lei aos judeus antes da vinda de Cristo. Para ele, a filosofia, que era necessária para a justificação dos gregos, agora é útil para levar as almas a Deus. Clemente acredita que o Cristianismo é a verdadeira filosofia, mas a filosofia grega permanece como uma preparação que abre caminho que é aperfeiçoado por Cristo. No entanto, vale ressaltar que a filosofia nunca pode substituir a revelação divina, só prepara para a melhor compreensão da fé, pois para ele, a fé é o fundamento de todo o conhecimento.

Alguns de seus trabalhos foram perdidos, sendo que os mais importantes entre eles são seus comentários sobre alguns escritos do Antigo e do Novo Testamento. Nesses textos, Clemente teria comentado alguns escritos fora da estrutura canônica que estava em construção, como por exemplo, a “Epístola de Judas” “Epístola de Barnabé” e também o chamado “Apocalipse de Pedro”. O que sabe é que foram preservados apenas alguns fragmentos em grego, que depois vieram fazer parte da reunião dos Evangelhos Apócrifos ou Proscritos da Bíblia. Pelos textos, percebe-se que Clemente era um homem essencialmente religioso, que trabalhava diversos temas, tais como ética, teologia e comentários bíblicos em geral, tendo um papel importantíssimo na história da hermenêutica entre os judeus e os cristãos no período da Patrística.

Vale ressaltar que em Alexandria, no período helenístico, a religião judaica e a filosofia grega se encontraram e se influenciaram mutuamente, ali surgindo a escola que, influenciada pela filosofia platônica, encontrou um método natural de harmonizar religião e filosofia na interpretação alegórica da Bíblia. Clemente de Alexandria foi o primeiro a aplicar essa abordagem à interpretação do Antigo Testamento, em

substituição à interpretação literal, influenciando bastante Orígenes que consolidou bem esse novo modelo de interpretação.

Ao assumir a tarefa de expandir o Cristianismo, de ser o pedagogo do seu povo, Clemente se mantém nessa vertente e explora bastante o melhor filosófico e o modelo do homem intelectual grego. Ele se apresenta aos seus discípulos e aos seus contemporâneos como porta-voz do *logos* cristão, utiliza os mesmos métodos que os filósofos, na esperança que os gregos reconheceriam, após um exame atento desse *logos*, de que tudo que ele expressava era estimável e merecia ser cuidadosamente acolhido e analisado, pois assim sua missão teria se cumprido.

Verifica-se que Clemente aplica uma estratégia interessante, utilizando-se da linguagem que os gregos já estavam acostumados para falar do Cristianismo. Desse modo, propõe a transição de uma simples fé para uma fé firme, dotada de capacidade filosófica, utilizando-se dos próprios métodos e linguagem filosófica. Percebe-se que o uso da filosofia grega com a ciência do Cristianismo traz bons elementos para a religião com alto nível de racionalidade.

Clemente defendeu a conciliação entre a fé e a razão, sendo a fé o critério de verdade, já que nela o *logos* se faz verdade total em Cristo. Ele operou uma helenização do Cristianismo, isto é, assentou a mensagem cristã sobre as bases do pensamento grego, sobre o processo de compreensão lógica e argumentativa.

Durante a perseguição aos cristãos (201-202 d.C), pelo imperador romano Sétimo Severo, Clemente transferiu seu cargo na escola catequética ao discípulo Orígenes e refugiou-se na Palestina, junto a um antigo aluno, Alexandre, bispo de Jerusalém, lá permanecendo até sua morte.

Sobre a sua teologia, pode-se dizer que Clemente é fundador da Teologia Especulativa, pois além da doutrina de pregação apostólica, viu na cultura e na filosofia de seu tempo um perigo para a fé e, portanto, quis conhecê-la profundamente para defendê-la. Ao mesmo tempo viu a possibilidade de conciliar, aprofundar e fundamentar a fé em Cristo e converter gregos ao Cristianismo usando a mesma linguagem e argumentos da filosofia. Clemente também viu e mostrou a possibilidade de se relacionar de forma harmoniosa a fé com o conhecimento, e que nisso se fazia o cristão perfeito e o verdadeiro gnóstico. Para ele, a fé é o começo e a base de filosofia, portanto, a considerou como algo fundamentalmente mais importante do que o conhecimento.

Clemente fundamenta queria encontrar um sistema teológico cuja base e princípio era a ideia do *logos*, a qual dominava todo o seu pensamento e era o centro do sistema teológico. Para ele, o *logos* é o princípio supremo da explicação religiosa do mundo, o *logos* é o criador do universo. Enfim, o *logos* é a razão divina, é, em essência, o mestre do mundo e do legislador da humanidade. Clemente O reconhece, além disso, como um salvador da raça humana e fundador de uma nova vida que começa com fé, avanços na ciência e contemplação e, através do amor e da caridade, isso leva à imortalidade e à deificação. Cristo, por ser a palavra encarnada, é Deus e homem, e através dele há a possibilidade de se salvar e de ter um melhor destino no pós-morte, pois Ele foi o único que mudou o Oeste no Leste, que crucificado venceu a morte para nos dar a vida eterna, quem demonstrou que mesmo que o homem caia, que ele o criou para o céu, transplantando a corrupção na incorruptibilidade e na transformação da terra no céu.

1.4 Orígenes de Alexandria

Orígenes de Alexandria (185 – 253 d.C) foi teólogo e filósofo cristão, assumiu a Escola Catequética de Alexandria, sucedendo Clemente de Alexandria (150 – 215 d.C) em 203 d.C, que foi fundada por Panteno de Alexandria (? – 200 d.C), que se havia convertido à mensagem de Jesus atraindo muitos jovens estudantes pelo seu carisma, conhecimento e virtudes pessoais. Também foi neoplatônico do período da Patrística, depois de ter frequentado, desde 205 d.C, a escola de Amônio Sacas, fundador do neoplatonismo e mestre de Plotino, buscava constantemente o conhecimento apurado dos grandes filósofos antigos gregos.

Em sua longa biografia consta que foi um dos Padres da Igreja, tendo sido ordenado em 230 d.C na Palestina pelos bispos Alexandre de Jerusalém e Teoctisto de Cesaréia. Em 231 d.C. foi forçado a abandonar Alexandria devido à animosidade que o bispo Demétrio⁷ lhe devotava, passando a morar em um lugar onde Jesus havia estado muitas vezes, a Cesaréia, na Palestina, onde prosseguiu suas atividades como teólogo e filósofo, abrindo a chamada Escola de Cesaréia. Nessa nova escola, ele utilizava

⁷ Orígenes levava uma vida austera, rigorosa, a ponto de ser quase certo que, interpretando ao pé da letra Mateus 19:12 (BÍBLIA, 1991) “castrar-se a si mesmo e fazer-se eunuco para Deus, atitude extrema que o impediu de continuar ordenado sacerdote pelo bispo Demétrio”. Cf. HÉLIO. *Vida e obra de Orígenes*. 2017. Online. Disponível em: <<http://www.e-cristianismo.com.br/historia-do-cristianismo/biografias/vida-e-obra-de-origenes.html>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

praticamente o mesmo sistema de ensino aplicado em Alexandria. Seus cursos incluíam lógica, dialética, ciências naturais, geometria e astronomia, ética e teologia.

Orígenes era de uma família cristã em Alexandria. No ano 202, seu pai Leônidas foi martirizado durante a perseguição do imperador Sétimo Severo, e os bens da família foram confiscados. O jovem Orígenes incentivou seu pai a ser fiel até a morte e após esse episódio teria se dedicado mais ainda ao Cristianismo para seguir os passos do pai. Após a morte do pai, para poder manter a mãe e seis irmãos menores, Orígenes abriu uma escola de gramática (literatura) e, pouco depois, o bispo Demétrio de Alexandria lhe incumbiu, então com 18 anos de idade, a dirigir a escola de catecúmenos, enquanto procurava enfrentar a forte perseguição aos cristãos.

Nessas escolhas, Orígenes tinha discípulos que vinham de círculos heréticos e das escolas pagãs de filosofia e, portanto, oferecia cursos preparatórios em dialética, física, matemática, geometria e astronomia, bem como filosofia grega e teologia especulativa. Como esse fardo era muito pesado, ele encomendou a seu discípulo Héraclas os cursos preparatórios, reservando-se à formação dos estudantes em filosofia, teologia e especialmente na Sagrada Escritura.

Por algum tempo, seguiu com as duas escolas, mas quando a família teve condições de se sustentar por si própria, dedicou-se exclusivamente à catequese e, nesse particular, opera-se um verdadeiro milagre para a época: sua reputação entre os alexandrinos era tão alta que muitos pagãos e gnósticos passaram a frequentar a escola de catecúmenos (os que estudavam a fé como preparação ao batismo) para aprender diretamente com o jovem mestre.

Já próximo dos 30 anos de idade, deixa a direção da escola com Héraclas e, seguido de alguns discípulos que ele próprio escolheu, aprofunda-se nos estudos bíblicos e filosóficos, passando a escrever sua vasta obra, incentivado por Ambrósio, um homem rico de Alexandria que, pela pregação de Orígenes, havia abandonado a heresia valentiniana convertendo-se à ortodoxia da Igreja. Ambrósio tinha uma profunda sede intelectual e, vendo em Orígenes as qualidades do pensamento que tanto prezava, passa a financiá-lo para que suas ideias sejam conhecidas de todos. Nesse período, Orígenes também viaja muito, visitando Roma, Cesaréia, Jordânia, chegando a ser levado com escolta militar a Antioquia, onde a mãe do imperador Alexandre Severo, Júlia Maméia, desejava conhecer melhor o cristianismo.

Moderno a seu tempo, Orígenes dirige um tipo de escola para “simpatizantes” do Cristianismo, ou seja, jovens pagãos que queriam entender melhor o que a nova religião pregava. Orígenes apresentava-lhes a visão cristã dos grandes problemas filosóficos. Entre suas muitas viagens, uma feita à Jordânia reconduz o bispo Berilo de Bostra⁸ à ortodoxia, e aproveita para discutir com um grupo de cristãos que afirmavam que a alma morre com o corpo e ressuscita com ele.

Após várias perseguições por conta de seus escritos e do seu castramento, Demétrio convocou um sínodo⁹ que excomungou Orígenes da Igreja de Alexandria. Outro sínodo, no ano 231 d.C, o destituiu do sacerdócio. Depois da morte de Demétrio (232 d.C), voltou para Alexandria, mas sucessor dele, Héraclas¹⁰, ex-colega de Orígenes, renovou a excomunhão.

As muitas cartas que Orígenes deixou mostram os sofrimentos que ele sofreu por defender e pregar o Cristianismo, tais como: torturas, tormentos no corpo, tormentos pelo ferro, tormentos nas masmorras, prisão, etc. Uma nova perseguição irrompe sob o comando do imperador Décio¹¹, em 250 d.C, e Orígenes é preso e torturado, não com o fim de matá-lo, mas para que renegasse a sua fé, visto que uma eventual apostasia sua produziria efeitos notáveis nos demais fiéis, já que, dos seus contemporâneos, era a figura mais relevante do Cristianismo. Pouco tempo depois, Décio morre e Orígenes é liberto, porém morre pouco depois, aos 69 anos de idade, no ano de 254 d.C.

Orígenes deixou uma obra gigantesca, no entanto algumas foram perdidas e outras sobreviveram como a “Hexápla”, “Scholia”, Comentários dos Evangelhos de São Mateus, de São João, sobre a Epístola aos Romanos e Cântico dos Cânticos, “Contra Celso” e “Tratado sobre os princípios”. Importantes no contexto deste estudo, registre-se alguns os detalhes sobre cada uma dessas obras. A obra “Hexápla”¹² cujo objetivo era

⁸ Bispo de Bostra (Arábia): ele era o chefe de uma seita que afirmava que Jesus Cristo não tinha sua própria divindade, porque o que gostava era a do Pai, que vivia nele. Orígenes desfez o seu erro e converteu-o. Cf. ENCICLONET. *Beryl de Bostra (século III)*. 2018. Online. Disponível em: <<http://www.mcnbiografias.com/app-bio/do/show?key=berilo-de-bostra>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

⁹ Assembleia eclesialística convocada para tratar de assuntos da diocese

¹⁰ Papa Héraclas de Alexandria foi o patriarca de Alexandria, entre os anos de 232 e 248. A exemplo de seu antecessor, Demétrio, Héraclas também teve uma relação próxima a Orígenes. Falecido em 248, ele é considerado santo pela Igreja Ortodoxa Copta.

¹¹ Caio Méssio Quinto Trajano Décio foi imperador romano entre 249 e 251. Foi um general muito tradicional e que acreditava no culto ao Império Romano assim como em suas tradições.

¹² Hexápla (em grego: “sêxtuplo”) é o nome de uma edição da Bíblia editada em seis versões diferentes alinhadas lado a lado. Ele se aplica particularmente para a edição do Antigo Testamento compilada por Orígenes. Cf. TEOLÓGICA, Biblioteca. *Hexápla de Orígenes*. Online, 2017. Disponível em: <<http://biblioteca.com.br/site/as-primeiras-traducoes/a-hexapla-de-origenes>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

para ser uma primeira tentativa cristã de estabelecer o cânon da Escritura de uma maneira minimamente científica (dentro do que se podia considerar ciência à época). A maior parte dela foi perdida, mas pode-se dizer que consistia numa exposição paralela, em seis colunas, do texto hebraico do Antigo Testamento, da sua transliteração em letras gregas, e as quatro versões gregas que circulavam naquela época: a de Áquila, a de Símaco, a Septuaginta e a tradução de Teódoto. Em alguns trechos, como em alguns Salmos, diante de outras versões, Orígenes expandia a Hexápala para nove colunas. A Hexápala tomou a maior parte da vida de Orígenes, que sempre acrescentava e revia pontos.

A obra “Scholia” tinha como objetivo expor alguns comentários breves sobre determinados textos em que a interpretação parecia difícil para o público comum. Dessa obra, apenas um ou outro fragmento ficou para a humanidade, porém pode-se afirmar que tratou sobre os livros do Êxodo, Levítico, Isaías, Salmos 1-15, Eclesiastes, Evangelho de São João e algumas passagens difíceis do livro de Apocalipse.

A obra “Homilias”¹³ são sermões em capítulos ou passagens selecionadas da Bíblia, os quais teria pronunciado em reuniões litúrgicas ou pregações. Orígenes teria deixado sermões em quase todos os livros da Escritura, mas nem todos ficaram para a humanidade. Do livro de Jeremias, por exemplo, ficaram apenas vinte sermões e um em 1 Samuel 28, 3-25. Foram descobertos recentemente, em Torino (1941), alguns fragmentos gregos que somam trinta e cinco homilias sobre o Evangelho de Lucas e vinte e cinco homilias do Evangelho de Mateus, dezesseis homilias do livro de Gênesis, treze sobre o livro do Êxodo, dezesseis sobre Levíticos, vinte e oito sobre o livro dos Números, vinte e seis sobre Josué, nove sobre o livro de Juízes e nove dos Salmos.

Na tradução de São Jerônimo, temos outras homilias de Orígenes: duas de Cântico dos Cânticos, nove de Isaías, quatorze de Jeremias, quatorze de Ezequiel e trinta e nove do Evangelho de Lucas. Alguns fragmentos em latim das vinte homilias do livro de Jó, uma de 1 Samuel, alguns de Jeremias, Samuel 1-2, Reis 1-2, 1 Coríntios e Hebreus.

¹³ “Em suas Homilias, escritas depois do rompimento com Demétrio, encontra-se a natureza da pregação de Orígenes, que se revela mais como uma exortação moral, sem fazer profundas exegeses do texto bíblico. Boa parte das Homilias se perdeu, lamentavelmente, mas restaram muitos dos seus Comentários (Evangelho de São Mateus, de São João, sobre a Epístola aos Romanos, sobre o Cântico dos Cânticos, etc.), que são as principais fontes pelas quais é possível conhecer o método exegético de Orígenes, que, por sua vez, é uma chave importante para a compreensão do restante de sua teologia.” Cf. HÉLIO. *Vida e obra de Orígenes*. 2017. Online. Disponível em: <<http://www.e-cristianismo.com.br/historia-do-cristianismo/biografias/vida-e-obra-de-origenes.html>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

As homilias do Evangelho de Lucas são importantíssimas, pois são homilias de transição, escritas depois do rompimento com Demétrio e mostram a natureza da pregação de Orígenes, que se revela mais como uma exortação moral, sem fazer profundas exegeses do texto bíblico. Essas homilias possuem grande valor, não só pela hermenêutica empregada, mas por apresentar como Orígenes realiza a pregação do Evangelho e como realizava as explicações para dar alimento ao povo da Sagrada Escritura, como apresentava a sua espiritualidade, tornando assim também documentos da história de espiritualidade e misticismo cristão.

Livros de comentários dos Evangelhos de São Mateus, de São João, sobre a Epístola aos Romanos, sobre o Cântico dos Cânticos são as principais fontes pelas quais é possível conhecer o método exegético de Orígenes que, por sua vez, é uma chave importante para a compreensão do restante de sua teologia.

No campo apologético, Orígenes escreveu “Contra Celso”¹⁴, um livro contra uma obra anticristã que tinha alcançado significativa repercussão, sobretudo por ter sido bem escrito e fundamentado. Foi Ambrósio quem pediu a Orígenes que refutasse Celso. A princípio, ele não teve muito interesse, mas finalmente decidiu aceitar os apelos insistentes de Ambrósio e refutou, um por um, os argumentos de Celso, fazendo dessa obra um testemunho interessante de como foi travado o combate entre cristãos e pagãos no começo da Igreja.

Mas quem foi Celso? Não se tem certeza qual Celso ele está refutando, pois Orígenes é confuso nesse quesito em seu texto. Não se sabe se é Celso epicureu, do tempo de Nero, ou um outro Celso do tempo de Adriano, ou se o Celso escritor de livros de magia, também chamado de satírico. Os estudos mais recentes mostram que o Celso a quem refuta é nitidamente platônico, não podendo ser o epicureu, embora Orígenes o trate assim durante o texto. No entanto, é sabido que ele não cita Epicuro uma única vez e que não possui características de um epicurista – a busca contínua para se atingir a felicidade.

¹⁴ No campo apologético, Orígenes escreveu “Contra Celsum”. Celso era um filósofo pagão, que havia escrito uma obra anticristã chamada “O Verdadeiro Verbo”, que tinha alcançado significativa repercussão, sobretudo por ter sido bem escrito e fundamentado. Foi Ambrósio que pediu a Orígenes que refutasse Celso. A princípio, ele não teve muito interesse, mas finalmente decidiu aceitar os apelos insistentes de Ambrósio e refutou um por um os argumentos de Celso, fazendo dessa obra um testemunho interessante de como foi travado o combate entre cristãos e pagãos no começo da Igreja. Cf. HÉLIO. *Vida e obra de Orígenes*. 2017. Online. Disponível em: <<http://www.e-cristianismo.com.br/historia-do-cristianismo/biografias/vida-e-obra-de-origenes.html>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

Nesse sentido, a melhor opção seria Celso, filósofo, origem egípcia, opositor do Cristianismo primitivo do século II d.C e que escreveu a obra que Orígenes defende e critica em 178 d.C. Intitulada “Um discurso verdadeiro contra os cristãos”, essa obra de Celso é o primeiro texto anticristão de grande fôlego e importância. É a primeira vez que um filósofo escreve contra os cristãos. Sua principal tese era demonstrar que Jesus Cristo não era de Deus, o Cristo da Fé, mas em nenhum momento Celso questionou a historicidade de Jesus de Nazaré.

O texto original foi totalmente perdido, tendo sido reconstruído pelo texto de Orígenes, graças ao seu método apologético e sistemático, de citar e refutar, para rebater em todos os seus argumentos, cita parágrafo por parágrafo, embora admita que fizera algumas supressões. Mesmo com todos os recortes, essa é a única referência dos escritos de Celso. Ele conhecia bem o cristianismo de sua época, sobretudo aquele que florescia em Alexandria e Roma. Celso também era interessado em antigas religiões do Egito e parecia familiar com a doutrina judaica do *logos*.

Em uma hermenêutica primária é possível afirmar que o texto não poderia ser um escrito adulterado um por cristão, apenas como uma personagem para que Orígenes pudesse fazer o papel de apologeta. O nível de ataque e de hostilidade para com Cristo e os cristãos impossibilita que se trate de um material construído com um fim didático. Outro ponto é que ele não tem como base nenhum escrito ou fonte cristã, se o seu escrito dialoga com alguém, supõe um diálogo com um judeu crítico, o que nos sugere que suas fontes não seriam cristãs, mas possivelmente judaicas.

Um resumo da vida de Jesus é apresentado por Celso. Segundo ele, Jesus é um homem fundador de elementos de fé, porém ignora completamente sua genealogia, sua concepção, sua vida, paixão, morte e ressurreição. Ele fundamenta na figura de Jesus apenas um homem vindo de família de uma vila judaica e que sua mãe era uma pobre menina do campo que ganhava a vida como costureira. Jesus teria realizado milagres por magia. Celso aponta até mesmo detalhes sobre Jesus, afirmando que ele era fisicamente feio e pequeno, era um judeu, um bom judeu, que guardava todos os costumes judaicos, incluindo o sacrifício no tempo, um homem que reuniu poucos seguidores, ensinando-lhes seus terríveis hábitos, incluindo mendigar e roubar. Esses eram, em sua maioria, pescadores e cobradores de impostos e foram os únicos que ele convenceu de sua divindade. Por outro, esses seguidores convenceram multidões, sobretudo com o argumento da ressurreição, dado por uma mulher histérica, e que a

crença na ressurreição de Jesus Cristo proveio de sua magia, do pensamento positivo dos seus seguidores ou alucinação em massa e foco proselitista.

Celso ataca, de forma geral, as crenças judaicas e cristãs, e por zombar da ideia do Messias e ao ver em Jesus um impostor e um mágico, afirma ele de ser mais um filósofo platônico, afirma a clara superioridade do culto e a filosofia dos gregos nos evangelhos, realiza críticas severas, especialmente no que diz respeito à morte e à ressurreição de Cristo, ao afirmar também que foram os apóstolos e seus sucessores que inventaram essa superstição.

Com base nesse histórico de ofensas e críticas, Orígenes se vê motivado em responder suas questões, a fim de trabalhar temas de suma importância para a doutrina cristã, bem como da dogmática, e também da sistemática, sendo de suma importância para a compreensão da sua visão escatológica. “Contra Celso” não foi concebido para ajudar os crentes a fundamentar a sua fé, mas para os não crentes começarem a gostar da fé em Cristo, a partir da apologia que se prega o verdadeiro sentido do Evangelho de Cristo, pois o próprio Evangelho tem uma espécie de demonstração própria, mais divina que o dos gregos, que é baseado no dialética. Esse método divino, Orígenes chama de “manifestação de espírito e poder”, de “espírito” – pelas profecias suficientes por si mesmas para produzir fé naqueles que leem os argumentos dele contra Celso, especialmente nas coisas que eles se referem a Cristo – e “de poder”, por sinais e milagres que foram trabalhados, que podem ser comprovados de várias maneiras, e especialmente os traços que eles ainda preservam àqueles que ordenam suas vidas de acordo com os preceitos do Evangelho.

Para Orígenes, a divindade de Cristo é evidente, não só por milagres que operou e pelas profecias que se cumpriu Nele, mas também pelo poder do Espírito Santo, que motivou os cristãos desde o início dos tempos. Para o autor, ainda há entre os cristãos os vestígios desse Espírito Santo que apareceu na forma de uma pomba, mas que continua a realizar curas, expulsar demônios e faz cumprir a vontade de Deus. Esse mesmo Espírito transforma as almas daqueles que O perseguem, fazendo com que eles passem do ódio contra essa doutrina para uma disposição de mente disposta a morrer em defesa.

O livro “Contra Celso” é uma fonte importante para história da religião e também para a fundamentação histórica das bases doutrinárias e dogmáticas do cristianismo dos primeiros séculos. Vê-se nele, tanto a luta contra o paganismo e dos ataques ao

Cristianismo, como a possibilidade de tratar com as refutações assuntos importantes para os cristãos e para os seus perseguidores.

Por fim, no campo dogmático, a obra mais importante Orígenes é o “Tratado sobre os princípios” (ORÍGENES, 2012) em que faz uma exposição sistemática de sua teologia, cuja maior parte sobreviveu por meio de uma tradução feita para o latim. É o primeiro sistema de teologia cristã e o primeiro manual de dogmática escrito. O texto integral foi conservado pelas traduções de Rufino e São Jerônimo, sendo escrito em Alexandria entre os anos 220 e 280 d.C.

Para Orígenes, as fontes da doutrina cristã são a Escritura e a Tradição. Ressalta a existência de regras de fé contidas no ensino fundamental do cristianismo, que foi dado aos cristãos por meio dos apóstolos e de Paulo. A partir da Sagrada Escritura e da Tradição, Orígenes fundamentou sua teologia positiva e especulativa. A doutrina cristã está baseada no ensinamento da Igreja e também nas analogias, alegorias e afirmações presentes nas Sagradas Escrituras, nas quais estão os fundamentos da fé e os princípios fundamentais do próprio Cristianismo.

O trabalho compreende quatro livros que tratam de assuntos complexos como Deus, mundo, liberdade e revelação. O objetivo da obra é estudar e propor as doutrinas fundamentais da fé cristã, os princípios e as verdades dos ensinamentos de Cristo e de seus apóstolos. Para Orígenes, a palavra de Deus não se resume nas palavras de Cristo, mas também na palavra revelada a Moisés e nos profetas.

Orígenes trabalha no “Tratado sobre os Princípios” (ORÍGENES, 2012) temas da teologia, cosmologia, antropologia e da filosofia. No primeiro livro trata do mundo sobrenatural, da unidade e da espiritualidade de Deus, da hierarquia das três pessoas divinas e suas respectivas relações com a vida da criação. Apresenta os conceitos da Trindade, no qual o Pai age sobre todos os seres como criador, o Filho, como a Palavra, sobre as suas criaturas (seres racionais ou as almas) e o Espírito Santo, sobre os seres racionais e santificados. Nesse primeiro livro também há discussões sobre a origem, essência e queda dos anjos.

O segundo livro trata do mundo material, a criação do homem como resultado da deserção dos anjos, do homem considerado como um espírito que caiu de seu primeiro estado e foi trancado em um corpo material, do pecado de Adão e redenção através do Cristo encarnado, da doutrina da ressurreição, do juízo universal e da vida e do futuro após a morte.

O terceiro livro fala sobre a união do corpo e da alma, dos desafios da vida material e da vitória da redenção e da ressurreição no pós-morte. Apresenta os homens contando com a ajuda dos anjos para a redenção e que são prejudicados pelos demônios para a perdição; apresenta a liberdade do homem e as implicações da liberdade na responsabilidade dos atos, tendo um esboço da teologia moral.

O quarto livro e último livro se resumem os ensinamentos fundamentais sobre a Sagrada Escritura como fonte de fé, inspiração e seus três sentidos (literal, moral e espiritual), apresentando o método de interpretação alegórico levando em consideração a intenção dos autores sagrados na construção dos textos.

O “Tratado sobre os Princípios” (ORÍGENES, 2012) – considerado uma primeira síntese da doutrina eclesiástica, doutrinal e dogmática católica – exerceu uma influência poderosa no desenvolvimento do pensamento cristão do período da Patrística e depois da Escolástica e marca, sem dúvida, um bom momento da história do Cristianismo.

Após ter-se conhecido a escola alexandrina e seus principais expoentes, porém antes de se tratar dos temas propostos na Introdução deste estudo, isto é, a escatologia da pessoa e a escatologia do mundo à luz da filosofia e teologia de Orígenes, faz-se necessário entender como Orígenes trabalha as Sagradas Escrituras para fundamentar e dar razão a sua fé e teorias.

Para Orígenes, a Bíblia não era apenas um tratado sobre dogma ou moral, mas algo muito mais vivo, muito maior. Para ele, tanto o primeiro quanto o segundo testamento são uma clara reflexão do mundo visível e invisível. Seu primeiro princípio é que as Sagradas Escrituras é a própria Palavra de Deus, não uma palavra morta, trancada no passado, mas uma palavra viva que, no passado, dirigiu um povo, mas que é dirigida diretamente para o homem de hoje, e também falará sempre algo no futuro, a Escritura é viva. Seu segundo princípio é que o Novo Testamento ilumina o Antigo Testamento que, por sua vez, não revelou toda a sua profundidade ao seu povo, mas uma vez atualizado pelo advento do Cristo dirá e concluirá a sua mensagem salvífica. De acordo com Orígenes, é a alegoria que determina as relações entre os dois Testamentos, por isso, vale detalhar como o autor entende os sentidos das Sagradas Escrituras.

Quando se analisa os comentários bíblicos realizados por Orígenes, percebe-se um esforço em dar uma exegese científica ao texto, pois existe neles uma mistura única de notas filológicas, textuais, históricas e etimológicas com observações de caráter

teológico e filosófico. Desse modo, é possível perceber claramente o seu método hermenêutico, isto é, a análise tripla do texto bíblico: em primeiro lugar, a análise do sentido literal, que se prende ao significado e a intenção que o autor quis dar ao texto, à época, à geografia e à cultura em que ele foi escrito: depois o segundo sentido, o moral, chamado na atualidade de sentido espiritual ou existencial, o qual abstrai do texto antigo o sentido para a vida moral e existencial, o que o texto diz para o leitor em seu tempo presente; por fim, o sentido espiritual, chamado hoje de sentido pleno, que apresenta um modo pelo qual a mensagem pode ser aplicada no futuro, o texto como escritura viva que sempre diz algo para algum leitor no futuro, seja para orientar conduta ou profecia do cumprimento da vontade de Deus.

Nos textos é possível perceber que o autor está interessado não mais no sentido literal, mas no moral e espiritual. Nesse sentido é perceptível que o seu método de análise é o alegórico e não o histórico. Foi um pensador inovador do ponto de vista da interpretação bíblica, embora tenha cometido alguns erros de interpretação e de próprio literalismo, lendo ao pé da letra o texto e não o interpretando nos sentidos literal, moral e espiritual, nem mesmo intenções do autor sagrado ao escrever o texto em questão.

Orígenes, ao inaugurar o método de análise alegórico, tinha o grande objetivo de ir além das coisas escritas, assim, ele presumiu que as Sagradas Escrituras sempre tinham um significado moral ou espiritual, mas não necessariamente somente o literal. Ele se valia muito da filosofia antiga grega para interpretar as sagradas letras, pois era a sua base para hermenêutica e reflexão racional, isso era importante para tirar reflexões morais e espirituais dos textos. No seu livro “Tratado sobre os Princípios” fica claro esse método, diz ele:

[...] é preciso, portanto, inscrever três vezes na própria alma os pensamentos das Escrituras santas: quem é mais simples a fim de que seja edificado pelo sentido imediato [literal]; o que ascendeu um pouco que seja pelo que é como que a alma [moral]; mas o perfeito que seja pela lei espiritual [espiritual ou pleno] que contém uma sombra dos bens que hão de vir. (ORÍGENES, 2012, p. 294).

Drobner em seu Manual de Patrologia diz: “pois como o homem se compõe de corpo, alma e espírito, assim também a Escritura..., mas como existem certos textos das Escrituras que... não contêm de maneira alguma o corporal, em muitas passagens devemos buscar unicamente a alma e o espírito da Escritura” (DROBNER, 2003, p. 147).

Todavia, nem sempre Orígenes seguia essa tripartição, já que se preocupava muito mais com as interpretações alegóricas. Se ele interpretava um milagre relatado no Novo Testamento, por exemplo, primeiro fazia questão de ressaltar a efetiva existência literal daquele milagre para, somente depois, tirar do relato as possíveis alegorias. Por isso, deu tanta importância à tipologia do Antigo Testamento, fazendo do sacrifício de Isaac, por exemplo, um “tipo” ou “figura” da paixão de Cristo, bem como da circuncisão como um tipo de batismo, e outras alegorias.

A respeito da tipologia origenista, Drobner afirma:

[...] como, em virtude da inspiração verbal pelo Espírito Santo, toda palavra do texto bíblico deve ter um sentido digno e adequado a Deus, este deve ser buscado nos planos mais elevados. O sentido moral tira da Bíblia, além dos mandamentos, as prescrições nela contida, as orientações de ação para a vida cristã, como é esperado pela comunidade sobretudo na pregação. O sentido místico, enfim, cumpre três funções: abre o Antigo Testamento como profecia para Cristo; interpreta as declarações de fé da salvação e explica a esperança escatológica. (DROBNER, 2003, p. 150).

Para Orígenes, o texto bíblico estava impregnado de profundos mistérios em cada palavra, que deviam ser extraídos através das alegorias, criando um verdadeiro dicionário de interpretações alegóricas, tais como: “cavalo” significando “voz”; “hoje” significando “o tempo presente”; “fermento” significando “ensino”; “nuvens” significando “santos”, dentre outros termos. Ele está convencido de que a inteligência presente nas Sagradas Letras é pura graça divina.

Para Orígenes, as Sagradas Escrituras foram compostas pelo Espírito Santo que, ao se comunicar, manteve algumas mensagens escondidas para a maioria. Para ele, o que está escrito é, de fato, a forma externa de certos mistérios e a imagem das coisas divinas, mas é preciso interpretar os vários sentidos dessas palavras para se entender o que o Espírito quis de fato comunicar. Nesse ponto, a Igreja concorda que toda palavra foi inspirada pelo Espírito Santo, mas é preciso realizar a interpretação correta do texto, para extrair o próprio sentido espiritual e, para isso, o próprio Espírito Santo concede a graça de interpretar a palavra com sabedoria e ciência.

É possível afirmar que a obra de Orígenes é a criação de uma nova ciência, a teologia bíblica, por meio da qual cada frase das escrituras era explorada sistematicamente em busca de significados ocultos, alegorias e assim por diante. E, com base nos elementos dessa vasta erudição das escrituras, ele erigiu, em seu livro “Tratado

sobre os Princípios”, uma filosofia cristã a partir da qual era possível interpretar todos os aspectos do mundo.

CAPITULO 2

A ESCATOLOGIA DA PESSOA

Neste capítulo, aborda-se especificamente a escatologia da pessoa, tema que discorrerá sobre a visão do grande momento da vida do homem, sua morte e os destinos de sua alma no pós-morte (céu, purgatório e inferno), sempre à luz da filosofia de Orígenes de Alexandria (185 – 254 d. C) nas obras “Contra Celso” e “Tratado sobre os Princípios”.

1.1 Morte

A palavra “morte” na Sagrada Escritura tem um triplice significado: fim da vida natural, perda da graça sobrenatural (BÍBLIA, Ef, 2:1) e perda da vida eterna (BÍBLIA, Ap, 20:14). A morte corporal em si é natural ao homem, mas essa destruição do corpo humano, no estado de justiça original, foi suprimida pelo dom da imortalidade. Esse dom foi perdido pelo pecado e a mortalidade humana recuperou seus direitos e seus efeitos. Por isso, a Sagrada Escritura não está em contradição consigo mesma, quando atribui à causa da morte tanto à natureza criada como ao pecado: ambos os motivos são verdadeiros. Vemos argumentos nos seguintes textos da Sagrada Escritura: Gênesis. 2:17 e 3:19; Romanos, 5:12; Salmos, 102 e 103.

Com a morte termina para o homem o tempo reservado para a vida aqui na terra, termina o tempo de mérito e do demérito. Nesse sentido, não se pode mais verificar uma mudança substancial das suas disposições e uma modificação essencial da sua sorte após a morte, cabendo somente a Deus – através do juízo particular e final – estabelecer a sorte do homem no pós-morte.

Percebe-se claramente esse processo de encerramento nas parábolas do Rico Epulão e do Pobre Lázaro (BÍBLIA, Lc 16) e das Dez Virgens (BÍBLIA, Mt 25), as quais indicam que havia um tempo de decisão que já está irrevogavelmente encerrado. Em João 9, Jesus diz: “É preciso que eu faça as obras daquele que me mandou, enquanto é dia, pois já vem a noite (a morte) quando ninguém mais pode trabalhar”. Tantos outros exemplos podem ser percebidos do mesmo âmbito nos seguintes textos:

Gálatas, 6: 9-10; 1ª Tessalonicenses, 5: 2-4; 1ª Pedro, 1: 3-8; 2ª Pedro, 3:10; Tiago, 4:13-14; Apocalipse, 3: 3 e 16: 15.

Para os judeus, a morte sempre foi vista como consequência do pecado e para os cristãos, em uma visão judaico-cristã, absorve-se a ideia de que a origem da morte se dá porque os pais primeiro pecaram, isto é, a figura de Adão e Eva, na alegoria da tomada de consciência do pecado, instaura no homem a morte como consequência do pecado original. A morte revela a sujeição do ser humano ao pecado. Porque o ser humano se sujeitou ao pecado (BÍBLIA, Gn, 2-3; Rm, 5:12-21), a morte entrou no mundo.

Na literatura judaica, Adão, o primeiro homem, o pai primeiro, estava destinado à imortalidade de todo o seu ser. No entanto, através do pecado, rompeu unilateralmente sua relação de amizade e confiança com Deus, perdendo o dom da imortalidade. Nessa perspectiva, infere-se que porque o homem pecou, ele se tornou um mortal. Assim, tem-se a afirmação de que *porque o ser humano é um ser mortal*, o é pelo fato de ter rompido os laços com Deus e se tornado pecador, de modo que neste momento é que a morte o afetou, pelo fato de ser pecador, isto é, condenado à dor, ao sofrimento e inevitavelmente à morte, sendo também obrigado a trabalhar e a garantir o seu sustento e dos seus. Com base nisso, percebe-se que a morte entra no mundo em estreita conexão com a culpa, como pena do pecado. Essa tese da morte como pena de pecado, pode ser compreendida de forma mais existencial e menos física, pois o modo de existir no mundo a partir do pecado passou a ser diferente daquele proposto por Deus na visão intocável de um paraíso sob controle.

No contexto cristão, é o grande momento da vida. Na patrística, percebe-se os discursos sobre a importância decisiva da morte, reafirmando que depois dela não é mais possível adquirir-se mérito algum, com exceção de Orígenes, que admite uma possibilidade de conversão e uma purificação dos atos maus na outra vida e, por isso, uma modificação na sua sorte.

A doutrina cristã, mesmo que forma primitiva, já era postulada sobre as bases de que, com a morte, termina o tempo reservado para a vida aqui na terra, o tempo do mérito e do demérito, fim da peregrinação humana na terra, já com foco na ressurreição, eliminando a possibilidade de concepção de uma possível reencarnação. Em suma, para os cristãos é adotado um novo significado a partir da morte e ressurreição de Cristo. Morrendo em Cristo, os fiéis ressuscitariam com ele.

Esta foi uma didática bem fundamentada, isto é, reforçar o movimento *vida-paixão-morte-ressurreição* como possibilidade de despertar cristãos iniciantes ao desejo de seguir o Cristianismo. As pregações, cartas, textos catequéticos e apologéticos foram fortes instrumentos de conversão e também de debate com os não cristãos e críticos do Cristianismo. O argumento de que porque Cristo ressuscitou, eles teriam a possibilidade de ressuscitar com ele era um bom argumento proselitista.

Cristo, experimentando a morte no seu ser, transformou seu sentido espiritual: a morte passou de manifestação do pecado, ou de salário de pecado para os judeus, expressão de transgressão e de desobediência para sinal de vida nova. Cristo mudou o sentido da morte: *morrer para ressuscitar*. Em Cristo, o cristão não morre para permanecer morto, mas para ressuscitar. Para o cristão, a morte não é fim, mas trânsito e passagem para a vida definitiva em Deus (salvação/céu).

Celso, um dos grandes interlocutores de Orígenes, questiona a questão da morte como consequência do pecado, indagando se o ser humano de fato se tornou mortal pelo pecado, ou se é dado pela sua natureza e não pela sua condição moral. Mais do que isso, Celso começa a questionar a própria natureza dos corpos, pois para ele o corpo é mortal e, portanto, obra não divina, sendo só a alma imortal e obra divina, questionamento não aceito por Orígenes, que irá rebater esse argumento de maneira densa e detalhada.

O questionamento de Celso nesse ponto é sobre a natureza dos corpos, e sobre os corpos ou os seres mortais não serem obras divinas. Para ele:

Deus nada fez de mortal, mas apenas os seres imortais, e os seres mortais são obras de outros seres. A alma é obra de Deus, mas diversa é a natureza do corpo. E um corpo de homem não tem diferença nenhuma do morcego, do verme ou da rã, pois a matéria é a mesma, e da mesma espécie também seu princípio de corrupção. (ORÍGENES, 2004, p. 334-335).

Orígenes acha incoerente a explicação de Celso sobre alguns deuses terem criado os corpos e somente Deus ter criado as almas,

[...] pois, talvez, se ele tivesse se empenhado num exame preciso da questão, ou teria sustentado que um só Deus é criador de todas as coisas e fez cada uma em vista de um fim e por uma razão, ou então, se não tivesse sustentado isso, teria visto a réplica a dirigir à objeção que aquilo que é corruptível é, por sua natureza, matéria indiferente, e que não há absurdo nenhum em sustentar que o mundo, constituído de elementos dessemelhantes, é obra de um único Artífice que estabeleceu as diferenças entre as espécies pelo bem do todo. (ORÍGENES, 2004, p. 335-336).

Orígenes faz citações do livro de Gêneses para mostrar que Deus de fato fez todas as coisas e não somente as divinas (BÍBLIA, Gn 1:1ss). Ele faz uma crítica a Celso, dizendo que ele deveria pesquisar a história judaica antes de fazer postulações equivocadas. Celso continua afirmando que

[...] a alma é obra de Deus, mas diversa é a natureza do corpo. De fato, a esse respeito, não haverá nenhuma diferença entre um corpo de um morcego, de verme, de rã ou de homem, pois a matéria é a mesma, e da mesma espécie igualmente seu princípio de corrupção. (ORÍGENES, 2004. p.337).

Orígenes, com base nessa reflexão de Celso, mostra que os corpos dos seres que ele cita deveriam ser equivalentes também ao sol, à lua, às estrelas, ao céu ou qualquer outro ser. Não faz sentido nenhum dizer que os corpos ou os seres, por serem corruptíveis, não fazem parte do ser divino. Por fim, para justificar a questão, Orígenes cita o livro dos Salmos: "Firmaste a terra há muito tempo, e o céu é obra de tuas mãos, eles perecem, mas tu permaneces, eles todos ficam gastos com a roupa, tu os mudarás como veste, eles ficarão mudados, mas tu existes, e teus anos jamais findarão". (BÍBLIA, Sl 101: 26-28).

Sobre esse argumento de que o corpo é mortal e não criado por Deus, sendo somente a alma imortal e obra de Deus, Orígenes dá uma explicação, trabalhando o conceito de corpo humano e alma humana, corpos de animais com almas não racionais:

Eis o que me resta dizer contra a afirmação de Celso de que a alma é obra de Deus, mas que diversa é a natureza do corpo. Ele lançou uma doutrina desta importância sem prova, e pior ainda, sem definir seus termos, sem ter indicado claramente se toda alma é obra de Deus (...) a natureza dos corpos não é outra se não correspondente à sua alma, é claro que o corpo cuja alma é obra de Deus prevalece sobre o corpo que habita uma alma que não é obra de Deus. Por isso é uma mentira afirmar que não há diferença alguma entre um corpo de morcego, de verme, de rã e o corpo de um homem. (ORÍGENES, 2004. p. 339-340).

Relativo ao tema da morte, Celso, o interlocutor de Orígenes, levanta uma importante questão sobre a predição da morte de Jesus, afirmando a possibilidade de ser uma invenção dos seus discípulos que sabiam da paixão e morte dele. Como argumento, Orígenes trabalha outras passagens em que Jesus teria predito o que iria acontecer, e de fato aconteceria.

A primeira citação é do Evangelho de Mateus, no qual Jesus disse: "E, por causa de mim, sereis conduzidos à presença de governadores e de reis, para dar testemunho

perante eles e perante as nações" (BÍBLIA, Mt 10:18). Não foi isso o que aconteceu com os discípulos e cristãos das gerações futuras? Outra citação é: "Todo aquele, portanto que se declarar por mim diante dos homens, também eu me declararei por ele diante de meu Pai que está nos céus. Aquele, porém, que me renegar diante dos homens, também o renegarei diante de meu Pai que está nos céus" (BÍBLIA, Mt 10:32).

Em outra passagem é dito que para mostrar a amplitude que teve as missões preditas por Jesus, ele disse: "E este evangelho do Reino será proclamado no mundo inteiro, como testemunho para todas as nações. E então virá o fim" (BÍBLIA, Mt 24:14), ou que o Evangelho de Cristo seria pregado "a toda criatura que vive debaixo do céu" (BÍBLIA, Cl 1:23) ou "a gregos e a bárbaros, a sábios e a ignorantes" (BÍBLIA, Rm 1:14). Não foi isso o que aconteceu com a proclamação da palavra no mundo todo? Todas essas citações são para mostrar que de fato Jesus teria predito todo o sofrimento que iria acontecer com ele em sua paixão.

Depois, também Orígenes cita a passagem em que Jesus predisse que iria ser pego: "Essa noite todos vós vos escandalizareis por minha causa" (BÍBLIA, Mt 26:31). Também profetizou a negação de Pedro: "Antes que o galo cante, me negarás três vezes" (BÍBLIA, Mr 26:34). Para essas acusações, Orígenes reforça a importância da morte de Cristo para o Cristianismo. Segundo ele, "Nada há de absurdo em que Aquele que entre os homens seria o ideal da maneira como se deve viver, tenha pretendido dar o exemplo da maneira como se deve morrer pela religião, sem levar em conta o bem que o universo todo obteve com sua morte pelos homens" (ORÍGENES, 2004. p. 140).

Celso também acusa Jesus de não ter sofrido todas as dores na realidade. Orígenes defende o fato dos relatos não terem poupado ou mascarado em nada essa realidade. Diz ele que:

[...] não substituímos pela aparência a realidade de seu sofrimento, para que tampouco a sua ressurreição não seja uma mentira, mas uma realidade. Pois aquele que realmente está morto, se ressuscita, ressuscita realmente, mas aquele que morre só aparentemente não ressuscita realmente. (ORÍGENES, 2004. p. 141).

Orígenes apela para a filosofia antiga grega para trabalhar o tema da ressurreição de Cristo, pois segundo ele,

[...] como a história da ressurreição para os descrentes é um objeto de zombaria, citarei Platão: Er, filho de Armênio, conta ele, depois de doze dias, se levantou de sua fogueira e contou suas aventuras no Hades. E dirigia aos descrentes, a história da mulher privada de respiração em Heráclides também tem aqui certa utilidade. Contam

ainda que muitos saíram de seus túmulos, não só no mesmo dia, mas também no dia seguinte. (ORÍGENES, 2004. p.141).

Todas essas histórias são citadas por Orígenes para se fundamentar em um autor reconhecido e dizer assim que o tema da ressurreição não pode ser motivo, nem de zombaria e nem de acusação de feitiçaria, como fazia Celso. E reforça a citação em João, de que os soldados romanos não tinham tirado a vida de Jesus: "Ninguém me tira a vida, mas eu a dou livremente. Tenho o poder de entregá-la e poder de retomá-la" (BÍBLIA, Jo 10:18). Ainda sobre a ressurreição, Orígenes responde à indagação de Celso: "Como um morto é imortal? Fique sabendo quem quiser que não é o morto que é imortal, mas o ressuscitado dos mortos" (ORÍGENES, 2004. p. 142).

A partir desse momento, Orígenes vai trabalhar o conceito de imortalidade, trazendo à tona a perspectiva de que aquele que morre não é imortal. Enquanto o homem é um composto de algo mortal e imortal, o que não morre é a alma que existe nele, que é imortal. Ele afirma: "Nenhum homem destinado a morrer é imortal, ele é imortal quando não deve mais morrer" (ORÍGENES, 2004. p. 142).

E faz por fim uma citação de Paulo aos romanos: "Cristo uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele" (BÍBLIA, Rm 6:9). Outra questão é posta por Celso: se de fato Cristo tivesse previsto todo caminho da sua paixão, por que ele não teria evitado e não se entregado às cegas nos perigos previstos?

Orígenes vai trabalhar a figura de Sócrates, no diálogo Fédon de Platão:

Sócrates, em todo caso, sabia que se bebesse a cicuta morreria, e tinha o meio, se tivesse obedecido a Críton, de fugir da prisão e nada sofrer com tudo isso. Mas decidiu, seguindo o que lhe parecia razoável, que era melhor morrer como filósofo do que levar uma vida indigna de sua filosofia. (ORÍGENES, 2004. p. 142).

Orígenes defende Cristo por meio de sua própria missão. Não se pode negar beber do cálice do sofrimento aquele que possui uma grande missão a ser realizada. Não foi isso o que aconteceu no Monte das Oliveiras, já que ele já sabia que a sua hora estava chegando, sentiu medo, sentiu angústia, sentiu-se sozinho, chega a pedir aos que estavam com ele: "orai, para não entrardes em tentação". E afastou-se deles mais ou menos a um tiro de pedra, e, dobrando os joelhos, orava: "Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!" (BÍBLIA, Lc 22:40-42). Cristo estava angustiado, mas sabia bem de sua missão, sabia dos desafios de propor uma nova ordem, de anunciar e executar o Reino de Deus na terra. Após a

oração, veio para junto dos discípulos e encontrou-os adormecidos de tristeza. "E disse-lhes: Porque estais dormindo? Levantai-vos e orai, para que não entreis em tentação". (BÍBLIA, Lc 22:45-46).

Celso também questiona Orígenes sobre essa passagem, o porquê Cristo teria permitido a traição de um dos seus e correr o risco da prisão e da morte se ele já havia previsto tudo o que aconteceria com ele? E por que ele então teria sentido toda a angústia no Monte das Oliveiras, se ele mesmo permitiu que a situação chegasse a esse ponto? Orígenes apela para a sensibilidade da prece de Jesus, da docilidade das suas palavras e da obediência total ao Pai. "Não a minha vontade, mas a tua seja feita!" (BÍBLIA, Lc 22:42). O contrário acontece em várias passagens das Escrituras nas quais os ímpios se voltam a Deus diante de uma dificuldade, ou próximos da morte (BÍBLIA, Sl 72: 8).

O mesmo acontece com Paulo, cita Orígenes. "E quando Paulo, seu discípulo, soube das desgraças que lhe sucederiam em sua subida a Jerusalém, pôs-se na frente dos perigos e censurou os que choravam por causa dele e queriam impedir que subisse a Jerusalém" (ORÍGENES, 2004. p. 142). A passagem que Orígenes se refere é a subida, chegada e prisão de Paulo em Jerusalém (BÍBLIA, At 21:1-14; 15-26; 27-40).

Toda essa reflexão de Orígenes serve para mostrar que não se pode fugir da morte quando se tem uma grande missão. Continua sua resposta a Celso apresentando o desafio dos contemporâneos. "E quantos de nossos contemporâneos, sabendo que a confissão de seu cristianismo lhe causaria a morte, e a apostasia, sua libertação e recuperação de seus bens, desprezaram a vida e voluntariamente escolheram a morte por sua religião!". (ORÍGENES, 2004. p. 143).

De fato, não podemos ignorar o evento *morte* antes de falar de *pós-morte*, pois a reflexão sobre a morte é uma reflexão sobre a imortalidade. Somente através de uma reflexão profunda sobre a morte é possível compreender as temáticas do pós-morte.

1.2 Pós-Morte

1.2.1 A alma

Foi visto no tópico anterior que a morte cristã é um morrer com Cristo. O cristão começa a experiência do morrer com Cristo, que se prolonga durante toda a vida cristã até a consumação física da morte. A alma passa incólume pela morte, isto é, sem

nenhuma lesão ou marca, e adentra numa situação espiritual em que subsiste separada do corpo. Com a morte do homem, morre somente uma das partes que compõem o ser humano, o corpo, parte frágil e provisória da condição humana. É a fuga da alma da prisão do corpo. A alma, por sua condição imortal, permanece intocável ao evento da morte, ela simplesmente passa por uma libertação relativa ao corpo. Nesse sentido, a morte não é um evento que se refere ao ser humano, mas somente ao corpo. Não é o ser humano que morre, mas o corpo mortal, enquanto a alma imortal permanece ileso.

Com a morte, a alma cessa sua função informante, divorcia-se do corpo e conquista uma condição limitante, despotencializada do corpo, um estado de sobrevivência de uma parte do ser humano que é a alma, mas que será potencializada novamente somente após a sua restauração no juízo final, com a ressurreição do corpo, é claro para Orígenes que esse corpo que ficou na terra deverá sofrer uma transformação no momento de sua ressurreição no dia do juízo final.

Sendo assim, é pertinente falar sobre a concepção de alma em Orígenes, cujo tema, ele trabalhará sobretudo no livro “Tratado sobre os princípios” (ORÍGENES, 2012). Esse texto inaugura sua teologia sistemática e mostra um intenso estudo sobre as Sagradas Escrituras, revelando conhecimento profundo da filosofia grega, ao correlacionar o que se está propondo com as filosofias dos filósofos antigos.

Para Orígenes, a alma não é privilégio somente do animal racional que é o homem,

[...] creio eu, que em todos os seres animados há alma, mesmo naqueles que vivem nas águas. Essa é a opinião geral de todos, e ela apoia-se na santa Escritura, quando ela diz: “Deus fez os grandes cetáceos e todas as almas dos animais que rastejam, produzidos pelas águas conforme seus gêneros”. (ORÍGENES, 2012, p. 172).

A alma para Orígenes é definida como substância, princípio das imaginações e das impulsões, e, portanto, “essa definição é perfeitamente adequada a todos os animais, mesmo os que estão nas águas, e a mesma definição também se aplica convenientemente às aves” (ORÍGENES, 2012, p. 172). Em todos os animais, existe a alma, também no homem não há dúvidas que a alma esteja presente nele, a escritura diz: “Deus soprou na face dele um sopro de vida e o homem foi feito uma alma viva” (BÍBLIA, Gn 2:7).

Sobre os anjos e os espíritos divinos, o autor não tem a conclusão se possuem alma ou se são puramente almas. Afirma apenas que a maioria pensa e postula que são

seres animados, mas não há problema algum usar o termo alma dos anjos da mesma maneira que se usa a alma de Deus para Cristo. Sobre Cristo, Orígenes é bem enfático: “do mesmo modo que teve um corpo verdadeiro, teve uma verdadeira alma”, isto é, “uma substância dotada de percepção racional e de movimento”. (ORÍGENES, 2012, p. 174).

Alguns, quando se referem à alma de Deus, estão mencionando o próprio Cristo. Orígenes não vê problema nessa correlação. Para ele, podemos definir “por alma de Deus entender o seu Filho único. Com efeito, tal como a alma está inserida em todo o corpo e tudo faz mover, opera e realiza todas as coisas, assim o Filho único de Deus, sua Palavra e sua Sabedoria, inserido nele, atinge e alcança todo o poder de Deus” (ORÍGENES, 2012, p. 179).

Para Orígenes parece lógico “que a alma que age na justiça será salva, e a alma que peca é a que morrerá” (ORÍGENES, 2012, p. 177). Ora, parece que no instante da morte, a alma se adentra na dimensão do pós-morte, passando de um estado para outro, ou seja, nesse instante, a escatologia se funde com a soteriologia, estar em Deus (salvação/céu), estar fora de Deus (perdição/inferno).

Algumas questões são postas por Orígenes em relação à natureza humana, dotada de corpo e alma. Para ele, três questões são frequentemente colocadas: a primeira, se há no homem uma terceira dimensão, isto é, além do corpo e alma, ele teria também um espírito; a segunda visão é se o homem teria duas almas, uma divina e celeste, e uma inferior, que sede às paixões do corpo, sendo esta em oposição constante com o espírito; e, por fim, uma terceira visão, proposta por alguns filósofos, da tripartição do homem, em corpo, alma e espírito.

Em relação à primeira questão, isto é, se há no homem uma terceira dimensão, isto é, além do corpo e alma, ele teria também um espírito, o autor trabalha detalhadamente a questão mostrando que se há no homem outra alma além daquela que é celeste e racional, esta seria a alma que se opõe àquela, ela seria chamada de carne, ou sabedoria da carne, ou alma da carne, termo constante utilizado por Paulo, quando diz: “que o espírito luta contra a carne e a carne contra o espírito, e que não fazemos o que queremos, designando sem dúvida o que é estranho à vontade do espírito e à da carne”. (ORÍGENES, 2012, p. 261).

Sobre a segunda questão, se o homem teria duas almas, uma divina e celeste, e uma inferior, que sede às paixões da alma, sendo esta em oposição constante com o espírito, o autor mostra que é preciso de imediato:

[...] examinarmos primeiro de que tipo são as paixões de que sofre a alma quando nós nos sentimos no interior rasgados em partidos opostos sobre cada ponto, quando nossos pensamentos de certo modo lutam juntos em nossos corações, sugerindo como que aparências de verdade que nos inclinam às vezes a um lado, outras vezes a outro, que nos levam tão depressa a nos acusar como nos aprovar. (ORÍGENES, 2012, p. 262).

E continua:

[...] quando se diz, pois, que a carne combate o espírito, os adeptos dessa última explicação compreendem por isso que o uso, as necessidades, ou o prazer da carne, quando excitam o homem, o distraem e desviam das realidades divinas e espirituais. Quando somos atraídos pelas necessidades do corpo, não temos como nos ocupar com as realidades divinas que valem para a eternidade, e, ao contrário, a alma que se entrega ao divino e está unida ao Espírito de Deus combate a carne porque não a deixa amolecer nas delícias e seguir na corrente dos prazeres que são o seu deleite natural. (ORÍGENES, 2012, p. 263).

Nesse sentido, não são duas almas que habitam o homem, mas a própria carne que fala muitas vezes mais alto do que o espírito, e nisso o autor reforça:

[...] quando a alma adquiriu uma sensibilidade grosseira porque se submeteu as paixões do corpo, fica oprimida sob o peso dos vícios, e não sente mais nada de sutil e de espiritual, diz então que ela se tornou carne e ela tira o seu nome dessa carne que passa a ser objeto do seu zelo e da sua intenção. (ORÍGENES, 2012, p. 264).

Ao se analisar o pensamento de Orígenes, percebe-se o seu propósito em entender que, quando a alma está mergulhada na carne, é de lá que vêm os pensamentos maus, os pensamentos da carne.

Por fim, sobre a terceira questão, da tripartição do homem em corpo, alma e espírito, Orígenes não dá uma resposta detalhada, como nas outras duas questões supracitadas, mas entende-se, com base nos seus argumentos anteriores, que o corpo é relativo a tudo que é sensível e físico, a alma aquilo que anima o corpo, como a mente ou intelecto, e o espírito, como abertura do ser humano ao divino, do imanente ao transcendente.

Outro ponto abordado por Orígenes é o fato de todas as almas terem sido criadas pelo próprio Deus. Diz ele que todas as almas, todas as naturezas racionais foram feitas

ou criadas, quer sejam santas, ou más, todas, pela própria natureza, são incorporais: mesmo que assim sejam, nem por isso deixam de ter sido feitas. No seu entendimento, de fato tudo foi feito por Deus por meio de Cristo, como João ensina no seu Evangelho da maneira mais geral: “No princípio era a Palavra e a Palavra estava junto de Deus e a Palavra era Deus. Ela estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por ela e sem ela nada foi feito” (BÍBLIA, Jo, 1:1-3) (ORÍGENES, 2012, p. 114). Não só as coisas visíveis foram criadas por Deus, mas tudo o que é visível e corporal, assim como o que é invisível e incorporeal.

1.2.1 A pré-existência da alma

O tema da pré-existência da alma, em Orígenes, será tratado em dois momentos. O primeiro relativo à teoria da pré-existência em si, com os argumentos bíblicos para a sua defesa. Também será abordado outra parte, no terceiro capítulo, após o estudo da Apocatástase, por se entender que uma parte de sua teoria está intimamente ligada à restauração universal, sobretudo na criação e destruição dos mundos.

Existe uma proximidade da teologia de Clemente com a de Orígenes. Ela parece mínima, pois praticamente Orígenes não cita o nome de Clemente em suas obras. Os discípulos de Orígenes frequentemente são advertidos a continuar no estudo das Sagradas Escrituras e para que utilizem a filosofia apenas como conhecimento comum e fundamento preparatório para o Cristianismo. De acordo com Orígenes, o estudo da geometria, astronomia, música, gramática e retórica são apenas fundamentos para se compreender o Cristianismo. Nesse ponto, Orígenes enfatiza mais do que Clemente a importância do sagrado nas Escrituras, embora se perceba que a filosofia de Platão influenciou sua teologia mais do que ele mesmo tenha ciência. Essa influência fez com que Orígenes desenvolvesse a doutrina da pré-existência da alma humana.

Quando Orígenes está trabalhando o tema da criação dos seres corpóreos e incorpóreos, ele aborda a questão da criação da alma, afirmando que:

[...] os seres os próprios astros são seres animados e racionais [e, portanto] é preciso ver se receberam as almas junto com os corpos, no momento em que, segundo a Escritura, Deus fez duas grandes luminárias, uma maior para governar o dia e outra menor para governar a noite, e também as estrelas. (ORÍGENES, 2012, p. 117).

Para Orígenes, as almas dos astros foram criadas juntas com os próprios astros, e, quando ele pensa na alma dos homens, “se prova que a alma do homem, seguramente é inferior a dos astros, porque as almas dos homens não foram criadas junto com o corpo, mas efetivamente foi inserida desde fora (*extrinsecus*)” (ORÍGENES, 2012, p. 117).

Orígenes utiliza alguns exemplos das Sagradas Escrituras para fundamentar a sua ideia de que as almas dos homens foram criadas antes dos seus corpos. Vejamos:

No que diz respeito ao homem, como teria sido feita junto com o corpo a alma daquele que no ventre materno já suplantava o irmão, isto é, Jacó (Gn 25, 22ss)? Ou como foi feita, ou modelada com o corpo a alma daquele que, ainda no ventre da mãe, se encheu do Espírito Santo (Lc 1, 41ss)? Falo de João, que exaltou de alegria no seio da mãe e se agitava, tomando de grande entusiasmo, porque a voz da saudação de Maria tinha chegado ao ouvido de Isabel, sua mãe. Como teria sido feita e modelada com o corpo a alma daquele que se diz que é conhecido de Deus antes de se formar no seio e santificado por ele antes de sair do útero? (ORÍGENES, 2004. p. 117-118).

Orígenes faz referência ao Salmo 114, apresentando semelhança de sua teoria na voz do profeta. O Salmo diz:

Aleluia. Amo o Senhor, porque ele ouviu a voz de minha súplica; porque inclinou para mim os seus ouvidos no dia em que o invoquei. Os laços da morte me envolviam, a rede da habitação dos mortos me apanhou de improviso; estava abismado na aflição e na ansiedade. Foi então que invoquei o nome do Senhor: Ó Senhor, salvai-me a vida! O Senhor é bom e justo, cheio de misericórdia é nosso Deus. O Senhor cuida dos corações simples; achava-me na miséria e ele me salvou. Volta, minha alma, à tua serenidade, porque o Senhor foi bom para contigo; pois livrou-me a alma da morte, preservou-me os olhos do pranto, os pés da queda. Na presença do Senhor continuarei o meu caminho na terra dos vivos (BIBLIA, Sl 114:1-9).

Especificamente o versículo 7 parece remeter à mesma ideia do autor, parece indicar um estado de coisas semelhantes, quando ele diz: “Volta, minha alma, à tua serenidade, porque o Senhor foi bom para contigo”.

É importante reforçar que, para Orígenes, a alma é imortal, ela não está sujeita a morte mesmo que o homem esteja vivendo no pecado. A definição é clara, quando há a morte do homem, morre aquilo que é mortal, o corpo, e permanece sempre vivo aquilo que é imortal, a alma. Para o autor, o homem só será objeto de punição, descanso ou felicidade quando passar pelo processo do julgamento, após a morte. Vale muito a atitude do corpo para elevar a alma, os gestos e a busca da oração ajuda a alma a se

elevar e conquistar as bem-aventuranças, um dos exercícios fundamentais para elevar o homem e sua alma.

Orígenes foi o primeiro filósofo cristão a tratar a oração como um estudo científico. Para ele, o que é impossível à natureza humana é possível com graça de Deus através da oração. Deus conhece o homem, conhece as suas necessidades, mesmo que o homem não peça nada, Ele o conhece e o coordena sua vida.

Para Orígenes, a oração tem o papel de unir o homem ao espírito do Senhor, que preenche o céu e a terra. A oração não é um meio de influenciar Deus, uma vez que ele já conhece o coração do homem, mas fazer-nos participar de sua vida e entre em contato com o céu mesmo estando aqui na terra. A oração cristã é parecida com o papel do Sumo Sacerdote no judaísmo, ele que oferece a nossa homenagem, nossa oferenda a Deus, o mesmo acontece quando oferecemos a Deus nossas fraquezas através da oração. É importante dedicar um bom tempo para a oração, a nossa vida deve ser uma constante oração, esta é a maneira de viver unido espiritualmente em Cristo, orar sem cessar, nada mais é que ter a própria vida uma constante oração. Existem, segundo o autor, quatro tipos de oração: petição, adoração, súplica e ação de agradecimentos e ambas, assim como outros atos, como o jejum, a esmola e a participação da vida da comunidade ajudam a elevar a alma.

1.2.1 A ressurreição da alma na obra “Tratado sobre os princípios”

O tema da ressurreição da alma é trabalhado por Orígenes tanto no “Tratado sobre os princípios” quanto em “Contra Celso”. Cumprindo objetivos didáticos, este estudo refletirá primeiramente sobre os argumentos *no Tratado* e depois de sua apologia em *Contra Celso*.

Orígenes, no “Tratado sobre os princípios”, aborda o tema da ressurreição para falar dos destinos das almas no pós-morte. A partir de um julgamento futuro, as almas boas iriam para um lugar especial, descanso e felicidade na Ilha das Bem-Aventuranças ou Campos Elísios; já as almas más sofreriam castigos e suplícios, tais como fogo eterno, trevas exteriores, prisão, fornalha e outros tormentos reservados as elas.

Ainda recorrendo ao “Tratado sobre os princípios” para explorar melhor o tema da ressurreição, Orígenes também defende a fé e a doutrina cristã, “por causa do andamento das ideias, e sobretudo, porque alguns, principalmente entre os hereges,

encontram ocasião de escândalo na fé da Igreja, pensando que nossa fé na ressurreição é estúpida e completamente insensata”. (ORÍGENES, 2012, p. 190). Nesse momento, o autor já começa com uma intrigante pergunta para aqueles que acreditam na ressurreição: “O que morre não é o corpo?”, sendo assim, não “é o corpo que ressuscitará?”. E continua: “Penso que eles não podem recusar a ressurreição do corpo, e que, na ressurreição, nós nos serviremos de corpos, porque o apóstolo Paulo disse: ‘um corpo animal foi semeado, e um corpo espiritual ressuscitará’” (BÍBLIA, 1Cor 15: 44). E continua

[...] não há nenhuma dúvida que serão esses corpos que se levantarão para nós nos revestirmos com eles na ressurreição [...] porque, se os corpos ressuscitam, é sem dúvidas para nos revestir, e se é necessário, como de fato é, estarmos em corpos, não deveremos estar em outros corpos a não ser os nossos. (ORÍGENES, 2012, p. 190).

Orígenes está trabalhando o tema da ressurreição dos corpos, mas não um corpo material, visto que na morte, o que morre é a matéria, é o corpo de carne. Para ele, se é verdade que os corpos ressuscitarão, eles ressuscitarão de forma espiritual, “o farão após terem rejeitado a corrupção e posto de lado a mortalidade, para que se diga que ressuscitaram dos mortos, se não ia parecer em vão e inútil que alguém ressuscitasse dos mortos para morrer outra vez”. (ORÍGENES, 2012, p. 190-191). É outra natureza corporal. Assim, o autor continua:

[...] pode-se compreender isso com mais evidência se se considera cuidadosamente qual é a qualidade do corpo animal que, semeado na terra, é restaurada na qualidade do corpo espiritual. O próprio poder da graça da ressurreição retira o corpo espiritual do corpo animal, enquanto fazem passar da indignidade à glória. (ORÍGENES, 2012, p. 191).

Para Orígenes, o corpo espiritual não tem forma alguma, não tem aparência visual nenhuma, e se vale de uma citação do apóstolo Paulo (BÍBLIA, 1Cor 15:39-42) para mostrar a diferença dos corpos celestes dos corpos terrestres: “A carne das aves é uma, distinta da dos peixes; há corpos celestes, e corpos terrestres, uma é a glória do sol, e outra a da lua, e outra ainda, a das estrelas, porque as estrelas diferem em si na glória, e assim será na ressurreição dos mortos” (ORÍGENES, 2012, p. 191).

Novamente se valendo do apóstolo Paulo, Orígenes trabalha o tema da ressurreição dos corpos, mostrando que sim, é possível que o corpo seja transformado no processo da ressurreição, que o corpo passe da enfermidade para a força, da baixeza para a glória, da corrupção para a incorrupção. Orígenes diz:

Se eles acreditam no que diz o Apóstolo, que, ressuscitando o corpo na glória, na força e na incorruptibilidade daí para diante já se tornou espiritual, parece absurdo e contra o entender do Apóstolo dizer que de novo se manchará com as paixões na carne e do sangue, quando o Apóstolo diz claramente: “a carne e o sangue não possuem o reino de Deus e a corrupção não possuirá a incorrupção” (BÍBLIA, 1Cor 15:50). (ORÍGENES, 2012, p. 192).

O apóstolo Paulo diz: “Todos seremos mudados” (BÍBLIA, 1Cor 15:51). Para compreendermos melhor essa afirmação e refletirmos mais sobre a mudança que o homem passa no pós-morte, vale lembrar o episódio em que uma viúva que se casou novamente. Ela quis saber de Jesus, com qual esposo encontraria e deveria na glória. Essa é uma pergunta relativamente fácil de ser respondida por Jesus, pois a mesma coisa foi pedida a ele pelos saduceus:

Chegaram então alguns dos saduceus, que dizem não haver ressurreição, e perguntaram-lhe: Mestre, Moisés nos deixou escrito que se morrer alguém, tendo mulher, mas não tendo filhos, o irmão dele case com a viúva, e suscite descendência ao irmão. Havia, pois, sete irmãos. O primeiro casou-se e morreu sem filhos; então o segundo, e depois o terceiro, casaram com a viúva; e assim todos os sete, e morreram, sem deixar filhos. Depois morreu também a mulher. Portanto, na ressurreição, de qual deles será ela esposa, pois os sete por esposa a tiveram? Respondeu-lhes Jesus: Os filhos deste mundo casaram-se e dão-se em casamento; mas os que são julgados dignos de alcançar o mundo vindouro, e a ressurreição dentre os mortos, nem se casam nem se dão em casamento; porque já não podem mais morrer; pois são iguais aos anjos, e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição. Mas que os mortos hão de ressurgir, o próprio Moisés o mostrou, na passagem a respeito da sarça, quando chama ao Senhor; Deus de Abraão, e Deus de Isaque, e Deus de Jacó. Ora, ele não é Deus de mortos, mas de vivos; porque para ele todos vivem. Responderam alguns dos escribas: Mestre, disseste bem. Não ousavam, pois, perguntar-lhe mais coisa alguma (BÍBLIA, Lc 20:27-39).

A questão principal colocada pelos saduceus é a fé na ressurreição dos mortos, pois essa classe da aristocracia de Israel não acreditava nela, assim como muitos dos interlocutores de Orígenes, enquanto que os fariseus, a classe popular, estimava essa fé, assim como os fiéis da época de Orígenes. Essa história inventada pelos saduceus, de uma mulher que se casa com 7 irmãos e no final, sem filhos, morre, só foi contada para questionar uma só coisa: se existe a ressurreição dos mortos, com qual marido ela vai ficar?

Primeiro de tudo, analisando a história inventada, a lei de Israel determinava que uma mulher, se ficasse viúva e não tivesse filhos, deveria se casar com o irmão do esposo (BÍBLIA, Dt 25:5-6), para evitar que a propriedade passasse a uma outra família. A pergunta dos saduceus tem um único objetivo: mostrar as incongruências da fé na ressurreição. No entanto, a resposta de Jesus foi simples: com nenhum, pois a dimensão no pós-morte é completamente outra.

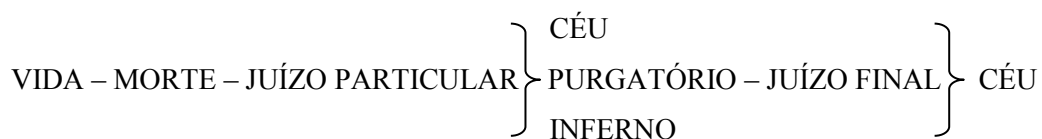
Para os saduceus, Jesus simplesmente disse que eles não entendiam nada sobre a ressurreição. De fato, os saduceus queriam imaginar a vida depois da morte como a vida terrena, mas Cristo explica que ela será totalmente diferente da condição atual: não há casamento no céu, mas todos serão como anjos e continua dizendo que Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos.

Nada é impossível para Deus, esse é um argumento de Orígenes, quando se fala da ressurreição dos corpos, e explica novamente usando a imagem do grão de trigo:

Pensamos que se passará da mesma maneira que com o grão de trigo, ou de outras plantas, que semeado na terra, seguindo o exemplo que dá o apóstolo, recebe de Deus o corpo que Deus quer depois que esse grão de trigo morre na terra. Devemos supor que os nossos corpos também cairão na terra como o grão. Há neles um princípio que mantém a substância corporal; mesmo que os corpos estejam mortos, corrompidos e dispersos, esse princípio, que permanece intacto na substância do corpo, pela ação da Palavra de Deus, levantará os corpos da terra, os reconstituirá, restaurará, do mesmo modo que a força que está no grão de trigo, depois da corrupção e da morte, restaura e reconstitui o grão no corpo da palha e da espiga. Assim para aqueles que merecerão obter o reino dos céus como herança, essa razão seminal que se encontra no corpo a ser reparado [...] sob as ordens de Deus refaz um corpo terrestre e animal em um corpo espiritual que poderá habitar nos céus. (ORÍGENES, 2012, p. 193).

Para Orígenes, cada pessoa é responsável pelo seu destino no pós-morte, isto é, se a alma viveu em plena justiça, receberá a recompensa e viverá bem e feliz nos céus; se a alma viveu em plena injustiça, receberá o castigo e o fogo eterno e será precipitada no inferno; se a alma, porém, viveu algumas injustiças sanáveis e se viveu justamente boa parte da vida, arrependendo-se das próprias injustiças, será temporariamente punida, ficando em um estágio intermediário no purgatório, e, uma vez expiada a culpa, no dia do último julgamento, essas almas se unirão novamente aos seus corpos que foram provisoriamente perdidos no ato da morte e serão reendereçadas necessariamente ao serão encaminhadas ao paraíso.

É possível representar, de maneira esquemática, o modelo escatológico já entendido por Orígenes:



Com o encerramento da sua vida, o homem passa para o estágio de morte vital e imediatamente passaria por um primeiro julgamento, denominado juízo particular. Baseado em sua vida terrena, sua alma teria a possibilidade de três destinos escatológicos: o céu (se o homem viveu em estado de graça), o inferno (se viveu fora do estado de graça entregue ao pecado) e um estágio intermediário que seria o purgatório (se em momentos viveu a graça e em outros viveu o pecado). Nesse estágio intermediário, a alma estaria esperando um juízo final que, após o período/tempo de expiação, ela seria julgada finalmente e teria como único destino, o céu, pois já está em processo de purgação e expiação imposto pelo próprio Deus no juízo particular. E seria no momento do juízo final que se teria os corpos ressuscitados, devolvidos, não em sua matéria corporal, mas espiritual, tendo, portanto, a ressurreição da carne.

Se uma alma boa é destinada a habitar os céus – e para essa questão não se tem muito que explorar – a graça sobressaiu ao pecado. No entanto, se uma alma é má, então é destinada ao fogo eterno e aos suplícios. Assim, o tema interessa a este estudo e também aos interlocutores de Orígenes, ou seja, como e quando uma alma passa a ser condenada ao fogo eterno? Orígenes recorda o que diz o profeta Isaías, em que mostra que o fogo que castiga é próprio de cada um: “Andai na luz do vosso fogo e na chama que ascendestes para vós mesmos” (BÍBLIA, Is 50:11). Essa passagem mostra que “cada um dos pecadores, acende para si mesmo a chama de um fogo que lhe é própria”. (ORÍGENES, 2012, p. 193).

A alimentação e a matéria do fogo são os próprios pecados, o que o apóstolo Paulo chamou de lenha, feno e palha (BÍBLIA, 1Cor 3:12), e se a própria consciência do homem e da alma sabem bem quando está mergulhada no pecado, quando é que ela toma consciência desse pecado e passa a reconhecer a sua limitação em frente da graça divina? Segundo Orígenes:

Quando a inteligência, ou a consciência, lembrando-se, pelo poder divino de todos os atos cujas marcas e forma se imprimiram nela quando pecava, tudo o que ela fez de mal e de vergonhoso, e, ainda,

tudo o que ela cometeu de ímpio, verá, assim, de algum modo, exposta diante de seus olhos a história de cada um dos seus crimes, então a consciência fica agitada e como que espicaçada pelos próprios ferrões e torna-se para si mesma a acusadora e testemunha. (ORÍGENES, 2012, p. 194).

Existe, portanto, o juiz das ações, mas quem acusa e quem testemunha é a própria alma, baseada em sua consciência das ações. O que Paulo diz: “Os nossos pensamentos se acusam uns aos outros ou se defendem no dia em que Deus julgar as ações secretas dos homens segundo o meu Evangelho por Jesus Cristo” (BÍBLIA, Rm 2:15-16). Tudo passa pela consciência de estar próximo da graça de Deus ou separado dela. Isso significa que uma alma torna-se feliz, serena e harmoniosa na medida em que tem consciência que viveu segundo a graça em suas ações na terra. Do mesmo modo, o contrário é verdadeiro, ou seja, uma alma se torna cheia de tormentos, angústia e desarmoniosa na medida em que viveu separada da graça em suas ações.

Orígenes tem uma boa alegoria para esta questão:

Quando os membros são rasgados e arrancados das suas articulações, o corpo sofre tormentos imensamente dolorosos; assim também a alma, quando se encontra separada da ordem, da organização e também da harmonia que Deus lhe deu na criação para lhe permitir bem agir e experimentar sentimentos úteis e não encontra em si mesma a consonância e o acordo dos movimentos racionais, pensaremos que ela sofre a pena e o tormento dessa ruptura interior e que ela se ressentida do suplício da sua inconstância e desordem. (ORÍGENES, 2012, p. 195).

E mais adiante argumenta que mesmo na separação é possível uma reconciliação: “Quando a separação e o desgarramento da alma forem postos à prova pelo fogo que lhe será aplicado, sem dúvidas ela será consolidada e restabelecida na sua união interior”. (ORÍGENES, 2012, p. 195).

O homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, mas com o uso do seu livre-arbítrio, ele pode escolher em suas ações, agir conforme lhe aprouver. Essas ações, porém, impactam diretamente no destino da alma no momento do julgamento. O juiz das ações concederá

[...] aos santos a ressurreição, dos seus corpos gloriosos e luminosos, pois viveram de maneira santa e pura quando habitavam nessa vida, assim, e aos ímpios, que nessa vida amaram as trevas do erro e a noite da ignorância serão revestidos, depois da ressurreição de corpos sombrios e obscuros, para que as trevas da ignorância, que neste mundo tinham ocupado o interior da inteligência deles. no futuro apareçam no exterior pela veste corporal. (ORÍGENES, 2012, p. 198).

Orígenes, ao mostrar uma relação direta do livre-arbítrio com o destino das almas no pós-morte, não só apresenta uma visão das esferas, inferno, purgatório e céu, mas de modo significativo faz uma reflexão e apresenta uma relação direta das ações com a sentença dada ao juiz das ações.

1.2.2 A ressurreição da alma na obra “Contra Celso”

Celso questiona a predição de Jesus em dois grandes momentos, sendo que o primeiro já foi abordado no item 1.1, quando se falou sobre “A morte”. Celso, então, questionou por que Jesus não fugiu da morte, uma vez que já teria previsto. O segundo momento é em relação à predição da sua própria ressurreição, quando diz ele: “Que razão, afinal, vos orientou senão o fato de ele ter predito que depois da morte ressuscitaria?” (ORÍGENES, 2004. p. 176). O autor trabalhou uma passagem sobre Moisés para responder essa questão acerca da ressurreição, afirmando que o próprio Moisés havia predito, em Deuteronômio, a sua própria morte: “E Moisés, servo do Senhor, morreu ali, na terra de Moab, conforme a palavra do Senhor. E ele o sepultou no vale, na terra de Moab, defronte a Bet-Fegor; e até hoje ninguém sabe onde é a sua sepultura” (BÍBLIA, Dt 34:5-6). Orígenes cita Moisés para convencer o próprio Celso sobre a sua incredulidade.

Outro ponto essencial, ainda em relação a Jesus, é que Orígenes não concorda com a comparação que Celso faz do Cristo com outros heróis, seja de Orfeu entre os odrisas, de Protésilas na Tessália, de Hércules em Tênaros e de Teseu, pois cada um dos heróis

[...] teria podido, se quisesse desaparecer da vida dos homens, e retornar, quando achasse bom, para os que ele tinha deixado. Mas Jesus foi crucificado diante de todos os judeus, seu corpo foi descido da cruz à vista de seu povo: como pode dizer que ele imaginou uma ficção análoga a dos heróis lendários que desceram ao Hades e subiram de lá? [A verdade é que] ele morreu bem à vista de todos na cruz para quem ninguém pudesse dizer que ele voluntariamente sumiu da vista dos homens e pareceu estar morto sem ter morrido de fato, reaparecendo por sua vontade e contando a maravilha de sua ressurreição dos mortos. (ORÍGENES, 2004. p. 179).

Mais do que tentar provar a ressurreição dos mortos por meio das narrativas bíblicas é provar a sua ressurreição através da atitude de seus discípulos. Diante de toda

a perseguição, diante de todo o derramamento de sangue dos primeiros mártires, os discípulos permaneceram firmes para pregar e testemunhar a ressurreição do seu mestre. Orígenes reafirma esse argumento ao afirmar:

[...] mas eu considero como uma evidência decisiva a conduta dos seus discípulos. Com o perigo de vida, eles se dedicaram a ensinamento que não teriam sustentado com tal vigor se tivessem inventado que Jesus ressuscitou dentro os mortos. Ora, crendo que Jesus ressuscitou, e que eles ressuscitarão com ele se permanecessem firmes no caminho, não temiam a morte. (ORÍGENES, 2004. p. 179).

Os discípulos tinham claro em suas mentes que Jesus havia ressuscitado por seu Pai que está nos céus, e, por isso, também seus fiéis ressuscitarão com ele, pois ele e o Pai são um.

Celso tenta mostrar que as aparições de Jesus a Maria Madalena – e depois no cenáculo aos apóstolos – tenham sido fantasiosas, usando mesmo a expressão de quem o viu ressuscitado, foi o relato de uma exaltada, referindo-se a Maria Madalena. Orígenes mostra claramente a importância desses encontros do ressuscitado e da transparência das narrativas bíblicas e também dá uma explicação teológica e doutrinal sobre o fato: “A alma dos mortos subsiste, e para quem admite essa doutrina, a fé na imortalidade da alma ou pelo menos na sua permanência tem fundamento”. (ORÍGENES, 2004. p. 182).

Jesus ressuscitou no terceiro dia, e seu Pai, preservando o corpo do filho da corrupção terrena, fez com que ele ressuscitasse com seu próprio corpo carnal, e não simplesmente um corpo glorioso. Jesus, após sua ressurreição, aparece aos seus discípulos, pede ao mais cético, de nome Tomé, que duvidava sempre de milagres, para que toque em suas chagas, toque nas feridas mais vivas advindas da cruz, nas mãos, nos pés, e no lado transpassado pela lança. Tomé toca nas feridas e reconhece, e diz: “Meu Senhor e meu Deus” (BÍBLIA, Jo 20:24-29).

Era o que Tomé dizia, julgando que aos olhos sensíveis poderia aparecer o corpo da alma “em tudo semelhante” à sua forma anterior “pelo tamanho, pelos belos olhos, pela voz”, e muitas vezes mesmo “revestido das mesmas vestes”. Mas Jesus o chamou para perto de si: “põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende sua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!” (BÍBLIA, Jo 20:27). (ORÍGENES, 2004. p. 183).

Celso tenta a todo o momento comparar Jesus a um fantasma, ou citar que suas aparições foram fantasiosas para quem as recebeu. Por sua vez, Orígenes faz questão de citar inúmeras passagens de Jesus ressuscitado no meio dos homens para refutar os argumentos de Celso e defender a ressurreição do Senhor, tanto é que apresenta a passagem de Jesus aparecendo a Maria Madalena no sepulcro (BÍBLIA, Jo 20:15-17), mostra sua aparição aos discípulos e seu discurso com Tomé (BÍBLIA, Jo 20:24-29), apresenta o caminhar de Jesus junto aos discípulos de Emaús (BÍBLIA, Lc 24:13-35). Mostra ainda que, durante quarenta dias, Jesus continuou a aparecer aos discípulos e aos homens de boa fé para lhes anunciar o Reino de Deus (BÍBLIA, At 1: 3) e, por fim, apareceu ao apóstolo Paulo, confiando-o a missão de pregar o evangelho a toda criatura até os confins do mundo (BÍBLIA, 1Cor 15: 3.5-8).

Orígenes também trata a questão da ressurreição no livro “Contra Celso” (ORÍGENES, 2004), analisando o tema após falar do juízo final. Ele critica a escatologia do Cristianismo, tecendo críticas de que Deus ressuscita até mesmos mortos que há muito tempo estão embaixo da terra, fazendo referência à passagem em que, após a morte de Jesus, “o véu do templo se rasgou em duas partes de alto a baixo, a terra tremeu, fenderam-se as rochas. Os sepulcros se abriram e os corpos de muitos justos ressuscitaram. Saindo de suas sepulturas, entraram na Cidade Santa depois da ressurreição de Jesus e apareceram a muitas pessoas” (BÍBLIA, Mt 27:51-53).

Orígenes defende a questão afirmando que Celso compreendeu mal as escrituras quando cita que somente os cristãos “serão os únicos a sobreviverem no momento em que a purificação pelo fogo será infligida ao mundo não só aos vivos de então, mas até àqueles que estarão mortos há muito tempo” (ORÍGENES, 2004. p. 399). Orígenes não pensa assim. Para ele, a ressurreição diz respeito a uma gama maior de pessoas, e quem a resume somente aos cristãos, não captou a sabedoria oculta nas palavras do próprio Jesus. Assim: “Nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final, sim, a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados” (BÍBLIA, 1Co 15:51-52).

Celso é um grande crítico da ressurreição da carne pregada pela elite pensadora da Igreja, como é o caso de Orígenes e de outros expoentes da patrística. Orígenes responde às alfinetadas dizendo: “Como as divinas Escrituras, tampouco nós dizemos que aqueles que morreram há muito tempo, ao surgirem da terra, viverão com a mesma

carne sem que ela tenha recebido uma melhora”. (ORÍGENES, 2004. p. 400). O autor em tela defende a ideia de que o corpo ressuscitado é um corpo diferente, transformado, melhorado, saindo de um simples corpo material para um corpo espiritual.

Para fundamentar seus argumentos sobre a ressurreição da carne, Orígenes cita o apóstolo Paulo, que diz:

Mas, dirá alguém, como ressuscitam os mortos? Com que corpo voltam? Insensato! O que semeias não readquire vida a não ser que morra. E o que semeias não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas um simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. A seguir, Deus lhe dá corpo como quer; a cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio (BÍBLIA, 1Cor 15:35-38).

Repara, pois, no que ele afirma aqui: “não é o corpo da futura planta” que é semeado, mas há uma como ressurreição da semente lançada nua na terra, enquanto Deus dá “a cada uma das sementes o corpo que lhe é próprio”: da semente lançada na terra surge ora uma espiga, ora uma árvore como no caso do grão de mostarda, ou ainda uma árvore maior para uma azeitona ou um dos outros frutos. (ORÍGENES, 2004. p. 400-401).

Para Orígenes, Deus dá o corpo a cada um segundo o seu mérito, ele “dá corpo a cada uma das sementes como quer”. O corpo semeado é diferente do corpo ressuscitado, o corpo semeado é aquele característico da materialidade, da corruptibilidade, desprezível, fraco e físico, enquanto o corpo ressuscitado é dotado de imaterialidade, de incorruptibilidade, cheio de glória, cheio de força e espiritual. Ou a expressão que diz o apóstolo Paulo, o homem terrestre é diferente do homem celeste. E completa para que não haja dúvidas dos dois tipos de homens ou corpos que está descrevendo, Paulo diz: “Digo-vos, irmãos: a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade”, e, acrescenta: “Eis que vos dou a conhecer um mistério” (BÍBLIA, 1Cor 15: 42-44, 48-49,50-51).

Com base nessas passagens, Orígenes responde a Celso, que acusava os cristãos de depositarem as suas esperanças nos vermes e de acreditarem em corpos putrefatos voltando à vida, postulando um resumo da sua doutrina da ressurreição:

Assim sendo, nossa esperança não é a dos vermes e nossa alma não lamenta o corpo putrefato; sem dúvida, ela tem necessidade de um corpo para passar de um lugar a outro; mas tendo meditado a sabedoria conforme as palavras: “a boca do justo medita a sabedoria” (Sl 36, 30), ela sabe que existe uma diferença entre a morada terrestre em que se encontra a tenda voltada para a destruição, e a tenda dos justos gemem esmagados, não porque desejem despojar-se da tenda,

mas “revestir por cima de nossa morada terrestre” (uma outra) a fim de que, assim revestidos, “o que é mortal seja absorvido pela vida” (2Cor 5, 1-4). “Com efeito, é necessário que, sendo a natureza corporal corruptível, esta tenda corruptível revista a incorruptibilidade”, e que por outro lado, o que é “mortal” e destinado à morte, consequência imediata do pecado, “revista a imortalidade”. Desta forma, quando “este ser corruptível revestir a incorruptibilidade e este ser mortal a imortalidade, então se realizará” a antiga predição dos profetas, o fim do triunfo da morte (1Cor 15, 53), que em seu triunfo nos tinha submetido a ela, e a perda do agulhão com que ela esporeia a alma incompletamente protegida, infligindo-lhe feridas que nascem do pecado. (ORÍGENES, 2004. p. 402).

Embora os autores sábios e os filósofos não tratem do tema da ressurreição, os estoicos, os filósofos gregos já trabalhavam o tempo da vida após a morte no conceito de reencarnação. No entanto, caem em erros graves quando tentam reproduzir na nova vida os mesmos comportamentos, quando dizem, por exemplo, que os estoicos de Pórtico “depois de um certo período ocorre um abrasamento do universo, e a seguir, uma arrumação do universo bem semelhante à anterior”. (ORÍGENES, 2004. p. 403). O mesmo ocorre com Sócrates, pois sustentam que após a morte dele, as coisas serão parecidas, isto é, “Sócrates novamente será filho de Sofronisco e ateniense, e Fenareta, mulher de Sofronisco, novamente o há de gerar”. (ORÍGENES, 2004. p. 403).

Ora, pensar em uma nova vida, igual à outra, com os mesmos acontecimentos, de nascer da mesma mãe e do mesmo pai, de viver a mesma vida, de ser condenado pelas mesmas pessoas e morrer da mesma maneira, parece um argumento incompreensível do que vem a ser uma outra vida após a morte. Nessa perspectiva, Orígenes conclui o argumento dizendo: “Portanto, não afirmamos que o corpo putrefato voltará à sua natureza original, assim como o grão de trigo, uma vez corrompido, não retorna ao seu estado de grão de trigo. Afirmamos que, assim como do grão de trigo surge uma espiga, há também no corpo um princípio que não está sujeito à corrupção, a partir do qual o corpo surge incorruptível”. (ORÍGENES, 2004. p. 405). Não se trata então de um corpo voltar ao seu mesmo estado, como postulam os estoicos de Pórtico, nem de retornar a uma mesma vida, como pensaram que Sócrates voltariam. Não caiamos na definição evasiva de que para Deus tudo é possível, pois sabemos entender a palavra “tudo” sem conceber conceitos que não existem e não têm lógica de serem concebidos. “Concordamos assim que Deus nada pode fazer de vergonhoso, pois então Deus não poderia ser Deus: pois se Deus fizesse algo de vergonhoso não seria Deus”. (ORÍGENES, 2004. p. 405-406).

Nessa ideia de que Deus não pode fazer algo contra a própria natureza, podemos definir que “ele pode conceder à alma uma vida imortal, não só pode como de fato a concede”. (ORÍGENES, 2004. p. 406). Os corpos após a morte não devem ser rejeitados, em respeito à alma que neles moraram, “sobretudo se essas almas foram virtuosas”, diz Orígenes, segundo os costumes dos povos mais civilizados, todo corpo deve ter direito a um sepulcro digno, honrado e bem cuidado conforme o costume de cada cultura, de cada país.

Por fim, conclui Orígenes: “Concordamos então que Deus não quer contra toda razão declarar imortal nem o grão de trigo, mas certamente a espiga que dele nasce, nem o que é semeado na corrupção, mas aquilo que dele ressuscita incorruptível”. (ORÍGENES, 2004. p. 407). É preciso lembrar o que diz o apóstolo Paulo quando discute a ressurreição dos mortos:

É preciso que o que é corruptível se revista do que de incorrupção e o que é mortal se revista de imortalidade. Quando o que é corruptível se tiver revestido de incorrupção e o que é mortal de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: a morte foi absorvida na vitória. Onde está, ó morte, tua vitória? Onde está, ó morte, o teu ferrão? Com efeito, o ferrão da morte é o pecado, a força do pecado é a lei. (BÍBLIA, 1Cor 15: 53-56).

O Apóstolo Paulo é constantemente citado por Orígenes e com essa citação acima faz um fechamento importante do capítulo destinado à Escatologia da Pessoa, pois em uma alegoria bélica, nada é mais importante para a pessoa do que vencer suas batalhas e derrotar seus inimigos e o homem, ao dosar suas ações no tempo do mérito e do demérito, e ao se revestir daquilo que alimenta o que em nós é imortal, venceria as suas batalhas contra o pecado, e o maior dos seus inimigos – a própria morte.

CAPITULO 3

A ESCATOLOGIA DO MUNDO

Neste capítulo se será tratada a escatologia do mundo, a começar pela definição da doutrina do *logos*, depois para os demais temas: começo do mundo e as causas, apocatástase – restauração universal, consumação e fim do mundo, reino de deus e esperança dos cristãos sempre à luz da filosofia de Orígenes de Alexandria (185 – 254 d. C), nas obras “Contra Celso” e “Tratado sobre os Princípios”.

1.1 A Doutrina do Logos

Existe um ponto essencial que se destaca na filosofia e teologia de Orígenes, que é a sua doutrina sobre o *logos*, em que o próprio Deus é a única fonte de conhecimento. No “Tratado sobre os Princípios” (ORÍGENES, 2012), ele começa com a afirmação que Deus é espírito, que Deus é luz, que só Deus é inato e livre de toda matéria. Nesse sentido, não precisamos imaginar Deus como um corpo ou algo material, mas simplesmente como uma natureza simples espiritual. Não precisamos trabalhar qualquer tipo de composição, Ele já é completo, total, uma vez que é fonte e origem de todas as coisas, de todas as naturezas, de tudo que é material e espiritual. Este é para Orígenes o grande princípio absoluto do mundo: o fato de que Deus ativamente criou todas as coisas, as mantém, governa tudo e pode inclusive destruir tudo o que ele mesmo criou, criação e destruição.

Deus Pai é um ser absoluto e incompreensível, nas palavras do apóstolo João, “Deus mesmo, ninguém nunca o viu” (BÍBLIA, Jo 3:17), tornando compreensível somente através do seu *logos*, que é Cristo. Outra maneira que Ele pode ser conhecido é através de suas criaturas. Orígenes compara Deus Pai como um grande Sol e quem o quiser olhar face a face, corre o risco de queimar os olhos e perder a visão, semelhante o que aconteceu com Moisés, quando pede para ver Deus face a face. O que é possível conhecer desse grande sol são somente os seus reflexos, isto é, as suas criaturas, pois essas foram feitas à sua imagem e semelhança. Ora, como o sol é conhecido pelos seus raios, o Pai pode ser conhecido pelas suas criaturas. É possível ver o esplendor do Sol através dos seus raios, quando estes se infiltram, por exemplo, através de uma janela ou de alguns por outra pequena abertura. Podemos deduzir o quão grande é a fonte de luz

que ela está provocando por um simples reflexo. Da mesma maneira, as obras da providência divina são equivalentes aos raios da natureza, de Deus, em comparação com a realidade de seu ser e de sua substância.

Orígenes reforça, que a simples razão do homem, sua compreensão é limitada e incapaz de contemplar Deus em si mesmo. Nesse sentido, é possível conhecer o Pai através da beleza de suas obras e a graça de suas criaturas. O autor tem o cuidado em não atribuir à Divindade características antropomórficas. Embora esse seja um fato recorrente na literatura dos textos sagrados, ele defende, com muita precisão, a imutabilidade de Deus, especialmente contra as noções panteísta e dualista dos estoicos, gnósticos e maniqueus. Frequentemente essa antropomorfização de Deus nas Escrituras é uma maneira simbólica e até mesmo limitante da linguagem humana para fazer com que Deus “desça” para os assuntos humanos, sendo necessário usar expressões como “o Espírito de Deus caminha sobre as águas” (BÍBLIA, Gn 1:1). Embora essa maneira de falar de Deus seja bem ruim, parece que era a única para aproximá-Lo da terra. Mas se deve lembrar sempre que Deus é imutável, que “Ele é o mesmo” (BÍBLIA, Sl 101: 27; Mal 3:6).

Junto com a doutrina do *logos*, Orígenes começa a apresentar seu conceito da Trindade e, nesse momento, ele postula uma visão subordinacionista, isto é, de submeter a pessoa do Filho à figura maior do Pai e a do Espírito Santo à figura do Filho. No entanto, esse assunto não é unanimidade entre os próprios teólogos, sendo que alguns afirmam os seus erros, outros negam. São Jerônimo (347 a 420 d.C) não hesita acusá-lo de subordinação, por outro lado, grandes nomes como São Gregório, o Taumaturgo (213 a 270 d.C) e Santo Atanásio (296 a 373 d.C) o considera acima da suspeita. Há também autores modernos, como Théodore de Regnon (1831 a 1893 d.C) que negam que Orígenes incorreu nesse erro.

De acordo com Orígenes, o Filho vem do Pai, mas não por um processo de divisão, mas de complementaridade. O Filho faz tudo o que o Pai faz, a imagem do Pai é formada no Filho. Assim, não se admite que não exista um ser inato, isto é, não nascido, exceto por Deus Pai, gerado, não criado. Dessa maneira, pode-se assumir, de maneira análoga, que o Pai gerou o Filho, sua própria imagem, isto é, assim como ele mesmo é invisível por natureza, então Ele também gerou uma imagem que é invisível.

O filho, Verbo de Deus, é sabedoria, e na sabedoria não há nada corpóreo, é a verdadeira luz que ilumina todos os homens que venha para este mundo, mas não tem

nada em comum com a luz do nosso sol, é a imagem do Deus Pai invisível, em relação ao Pai, é quem revela a Sua verdade a nós, é Ele quem revela o Pai, é a imagem que nos leva ao conhecimento do Pai, que ninguém sabe, exceto o Filho e aquele a quem O Filho quer revelá-lo.

Para Orígenes, o Filho não vem do Pai por divisão, mas por um ato espiritual e como em Deus tudo é eterno, segue-se que esse ato de geração também é eterno, por isso, nem o Pai, nem o Filho têm começo, não houve momento algum que eles não eram, nem tempo algum que eles não estavam. O relacionamento, então, do Filho com o Pai é de unidade de substância. E o Espírito vem para manter a relação do Pai e do Filho com a humanidade após a sua vida, paixão, morte e ressurreição.

1.2 O começo do mundo e das causas

O tema do início do mundo é interessante, pois Orígenes, já apresenta algumas ideias que depois desencadeariam no processo de criação e destruição dos mundos na sua proposição de restauração universal, tema do próximo tópico deste capítulo. Orígenes, no livro II do “Tratado sobre os princípios”, pondera:

É preciso, ainda, procurar saber se antes desse mundo existiu outro mundo, e, neste caso, se ele foi semelhante a este, ou um pouco superior, ou inferior, ou se não houve mesmo mundo nenhum, mas um estado semelhante ao fim que, pensamos nós, virá depois de todas as coisas, quando o Reino será entregue a Deus Pai. (ORÍGENES, 2012, p. 133).

E já de início da proposição do começo do mundo, ou de um novo mundo, como ele mesmo coloca a possibilidade, Orígenes inaugura questões sobre o juízo, o julgamento daqueles que viveram no mundo e que não seguiram a vontade de Deus. Diz ele: “Entendo ainda, que é preciso perguntar se depois desse mundo haverá algum tratamento e correção mais ásperos e dolorosos para aqueles que se tenham recusado a obedecer à palavra de Deus”. (ORÍGENES, 2012, p. 133). Mas, ao mesmo tempo em que fala de castigo e correção, apresenta a retribuição para aqueles que nesta vida se dedicaram a essas coisas e limpam suas mentes, “eles consistirão numa instrução e educação nas realidades inteligíveis que os farão chegar a uma compreensão mais rica e variada da verdade, tornando-os capazes de receber a sabedoria divina”. (ORÍGENES, 2012, p. 133-134).

Embora Orígenes cogite a possibilidade de outros mundos, do processo de criação e destruição daquilo que Deus faz, ele possui muitas dúvidas se de fato existiu um mundo além deste, e se existirá outro depois; se há essa possibilidade tanto para o passado quando para o futuro, ele ainda possui dúvidas de que natureza seria esses mundos, se igual aos outros ou totalmente diferentes. Havia defensores do modelo de sucessão idêntica dos mundos. Para Orígenes, essa possibilidade afeta o princípio de liberdade e autonomia das almas:

Quando aos que defendem a sucessão de mundos equivalentes e em tudo semelhantes, não sei sobre que fundamentos se apoiam. Com efeito, se nos representamos um mundo perfeitamente semelhante ao outro, será de qual modo que Adão e Eva farão de novo o que já fizeram, que haverá de novo o dilúvio, que o mesmo Moisés fará sair outra vez do Egito uma população de seiscentos mil, que Judas vai trair o Senhor pela segunda vez, que Paulo vai segurar outra vez as roupas dos que apedrejavam Estevão, e tudo o mais que se passou nessa vida acontecerá de novo. Não vejo com que argumento isso possa sustentar-se, se as almas agem com livre-arbítrio e seus progressos ou seus recuos procedem conforme o poder de suas vontades. As almas não são determinadas a fazer ou a desejar isto ou aquilo por um movimento que retorna a si mesmo segundo os mesmos ciclos depois de tantos séculos, mas elas se dirigem, no decurso de seus atos, lá para onde tendem livremente suas disposições. (ORÍGENES, 2012. p. 137-138).

Para Orígenes, o argumento de repetição é completamente impossível, é como acreditar que alguém que quisesse garantir o resultado idêntico da colheita da safra anterior, jogasse novamente sobre a terra a mesma quantidade e no mesmo lugar as sementes que novamente desejam semear, para que cada grão recorresse aos mesmos lugares, segundo a mesma ordem e as mesmas variáveis que aconteceram na semeadura passada. Nessa mesma perspectiva, parece completamente impossível que um outro mundo possa ser restabelecido na mesma ordem e da mesma maneira que um mundo anterior. Orígenes então postula: “Podem existir diversos mundos, mas com mudanças consideráveis, de tal modo que se possa atribuir a causas evidentes que o estado de um mundo é melhor que o de outro, ou, conforme os casos, pior ou equivalente”. (ORÍGENES, 2012, p. 138).

Orígenes possui dúvidas sobre o que ele mesmo está postulando, pois não consegue provar e nem explicar como se daria essa ideia de criação e destruição de mundos ao longo do tempo. Então recorre ao Apóstolo Paulo para tentar fundamentar essa ideia de restauração de todas as coisas: “Agora uma só vez, na consumação dos

séculos, ele se manifestou para repelir o pecado, fazendo-se vítimas” (BÍBLIA, Hb 9: 26). Depois segue: “A fim de mostrar aos séculos que não de vir as riquezas superabundantes da sua graça pela bondade que tem conosco” (BÍBLIA, Ef 2:7). Orígenes interpreta dizendo que o Apóstolo

[...] não disse próximo, nem em dois séculos, mas: nos séculos que não de vir [...] há alguma coisa maior do que séculos, se assim for, é preciso entender o que se passará talvez na restauração de todas as coisas quando o universo chegará ao seu fim perfeito [...] na qual se produzirá a consumação de tudo. (ORÍGENES, 2012, p. 139-140).

Neste momento, quando todas as coisas não estiverem mais neste mundo, neste século, neste tempo, o que sobrar é que Deus seja tudo em todos, pois o estado desse mundo passará (BÍBLIA, 1Cor 7:31), pois o próprio Senhor disse: “Eu não sou deste mundo” (BÍBLIA, Jo 17:14). Nessas passagens, Orígenes tem dúvidas sobre a promessa de que um novo mundo é de fato o paraíso ou a existência de um novo mundo. Diz ele:

Não se duvida de que o Salvador não nos indique algo mais brilhante e esplêndido do que o mundo presente [...] tornando incerto se tal mundo que nos quer sugerir está separado deste, muito afastado dele pelo lugar, pela quantidade e pela glória e em qualidade, ou se apenas o ultrapassa em glória e em qualidade, mas ficando contido dentro dos limites deste mundo. (ORÍGENES, 2012, p. 141).

Novamente uma passagem do Apóstolo Paulo fundamenta os argumentos do autor em tela, quando ele diz:

A nós que não olhamos para o que se vê, mas para o que não se vê, porque o que se vê é temporal, e o que não se vê é eterno, sabemos com efeito que, se a nossa morada terrestre, em que habitamos, se dissolve, temos uma edificação feita por Deus, uma casa não construída pelas mãos, eterna, nos céus. (ORÍGENES, 2012, p. 143).

Nesse momento, a vida não corporal do homem, isto é, a sua alma, poderá e deverá ser submetida a Cristo e por Cristo a Deus, voltando para o seio do Pai, formando um só espírito, e ali, “também nós seremos mudados” (BÍBLIA, 1Cor 15: 22), receberemos a herança, chamado céu, morada dos piedosos e dos bem-aventurados, cumprindo a palavra “bem-aventurados os moderados, porque em herança receberão a terra, e, bem-aventurados os pobres de espírito, porque herdarão o reino dos céus” (BÍBLIA, Mt 5:3-5), isto é, a herança do reino dos céus.

1.3 Apocatástase, restauração universal

O tema da criação e destruição do mundo está interligado com a visão de apocatástase, termo criado por Orígenes, para designar a restauração universal de todas as coisas em sua unidade absoluta com Deus. Em suma, representa a redenção e salvação final de todos os seres, inclusive os que habitam o inferno, sendo uma espécie de evento posterior ao próprio apocalipse.

A apocatástase sintetizaria o poder do *logos*, Cristo como poder redentor e salvador absoluto. Essa proposta levanta uma série de questões interessantes para o cristianismo, como por exemplo, a possibilidade da existência de múltiplos mundos, e não simplesmente um que começa com Gênesis e se finda no Apocalipse, como sugerido nas Sagradas Escrituras. Há a possibilidade de Deus, em sua potência absoluta, e na atividade criadora, criar uma sucessão de mundos, que só se esgotaria na apocatástase, quando todos os seres repousassem definitivamente em Nele.

Também a possibilidade segunda encarnação do Verbo, uma vez que Cristo é uma encarnação histórica neste mundo em particular, estaria aberta, então, a possibilidade de uma encarnação futura do Logos ou Verbo. Essa possibilidade não é incompatível com os textos sagrados cristãos, que falam de uma volta do *logos*, Parusia, ou seja, a volta gloriosa do Cristo no fim dos tempos, para o Juízo Final. Para os cristãos, o Verbo encarnou historicamente, unicamente em Jesus de Nazaré, e após a sua vida, paixão, morte, Ele ressuscitou num "corpo glorioso" e teve sua Ascensão aos céus.

No Concílio de Constantinopla¹⁵, tanto os aspectos de subordinação da figura de Cristo ao Logos e ao Pai, quanto sua visão errônea da Trindade, papéis menores do Filho e do Espírito foram considerados errôneos, também a ideia de apocatástase, mantendo a visão tradicional de apocalipse.

¹⁵ No *Primeiro Concílio de Constantinopla*, que se realizou em 381, foi debatida a natureza de Cristo e o arianismo. Desde o início da Igreja Cristã grandes controvérsias surgiram em torno da pessoa de Jesus Cristo. No oriente dois grandes centros teológicos se opuseram nesta questão: Alexandria e Antioquia. Em Alexandria, a Bíblia era vista sob os holofotes da filosofia, e posta acima dela como um conjunto de alegorias das quais era possível retirar verdades eternas e imutáveis, quanto a Jesus, o destaque era dado à sua função de portador destas verdades e não à sua pessoa "por isso os teólogos Alexandrinos davam ênfase especial à divindade de Jesus Cristo". Já em Antioquia a situação era oposta. Por causa de sua proximidade com a Palestina e a inevitável relação com o Jesus histórico, os antiocanos sempre tenderam a avaliar as escrituras em seu contexto mais literal. "Desta perspectiva, ao falar da pessoa de Jesus Cristo, o importante não era sua função como mestre de verdades eternas, ou como revelação do Pai inefável, mas sua realidade histórica, sua humanidade, que era como a nossa." Cf. OCULTURA. *Primeiro Concílio de Constantinopla*. 2018. Online.

Disponível em: <http://www.ocultura.org.br/index.php/Primeiro_Concílio_de_Constantinopla>. Acesso em: 22 mar. 2018.

Embora seja razoável entender que a ideia de apocatástase, isto é, a restauração universal de todas as coisas em seu estado original, puramente espiritual, ou seja, o processo sobre o qual as almas daqueles que cometem pecados aqui na terra eles serão submetidos a um fogo purificador após sua morte, enquanto as almas do bem entrarão no paraíso, esse modelo não foi muito bem aceito pela Tradição e Magistério da Igreja, uma vez que rompe com a ideia do juízo particular e final, proposto para julgar as almas no estado do pós-morte.

Para Orígenes, em sua proposição, mesmo as almas mais pecadoras serão salvas, até mesmo os anjos decaídos e o próprio Lúcifer, Satanás serão purificados pelo *Logos*, e, somente após isso, ocorrerá a segunda vinda de Cristo e a ressurreição de todos os homens, não nos corpos materiais, mas espirituais, e Deus será tudo em todos, e o fim do mundo e a consumação final será quando cada um receberá a ação reparadora que seus pecados merecem. Nesse momento, então, Deus dará a cada um o que merece, só ele sabe disso.

A visão tradicional da Igreja é que após a morte do homem, o corpo se separa da alma, e no pós-morte, haverá um juízo particular em que Deus julgará a alma do homem em relação a suas ações em sua vida, tempo do mérito e do demérito. Nesse julgamento, o homem, que foi muito bom em vida, iria para o céu; o homem, que foi muito ruim, iria para o inferno; e o homem, que hora foi bom e hora foi ruim, iria para o purgatório, estado intermediário em que, no dia do juízo final, teria um novo julgamento, e tendo seu corpo que ficou na terra restaurado e transformado, ascenderia ao céu.

Na visão de Orígenes, todos os homens, dado a bondade e a misericórdia de Deus, teria a plena salvação através de Cristo, o qual chamará todas suas criaturas para um único fim, dando aos bons ou ruins a possibilidade de serem salvos e habitar o céu, até mesmo os seus próprios inimigos. Isto porque, para Orígenes, mais forte que todos os males da alma é a Palavra e o poder da cura que reside no próprio Deus. Esse poder de salvação, o *Logos*, Cristo, aplica a todos, de acordo com sua vontade, e não, segundo a visão do próprio homem, em querer julgar quem deveria ser salvo e quem deveria ser condenado.

Orígenes, na obra “Contra Celso” (2004) diz:

Nós afirmamos, porém, que um dia o Logos dominará toda a natureza racional e transformará cada alma em sua própria perfeição, no momento em que todo indivíduo, usando apenas sua simples liberdade, escolherá aquilo que o Logos quer e obterá o estado que ele tiver escolhido. Declaramos ser impossível que, tal como nas doenças

e nos sofrimentos do corpo em que certos casos são rebeldes a todos os recursos da arte médica, haja igualmente no mundo das almas uma seqüela do vício impossível de curar pelo Deus racional e supremo. Pois o Logos e seu poder de curar são mais fortes do que todos os males da alma. Ele implica esse poder a cada qual segundo sua vontade; e o fim do tratamento é a destruição do mal. Não tenho em vista aqui nem a possibilidade nem a impossibilidade de ele voltar. (ORÍGENES, 2004, p. 679).

Por isso, Orígenes afirma que a consumação de todas as coisas é a destruição do mal, ou seja, quando as coisas começam a acelerar seu curso para a consumação, a unidade do Pai e o Filho, que são um, ajudará a vencer o último inimigo, que é a morte. Será destruído o mal, de modo que não restam mais dores, tristezas, choro, nem mesmo a morte, se Cristo ressuscitou para junto do Pai, também os seus filhos ressuscitarão. A destruição do último inimigo não significa que sua substância do homem será também destruída, mas somente o mal. Também o que morrerá é somente uma parte do homem, o seu corpo, e não a sua alma, que é imortal, o corpo será destruído, mas o homem não deixa de existir, pois a sua alma é imortal. Porque nada é impossível para o Todo-Poderoso, não há nada que o Criador não possa curar ou manter. Ele fez de tudo para que o homem existisse, e Ele fará novamente de tudo para que aquilo que Ele criou possa continuar existindo.

Em suma, para Orígenes, a morte é apenas um agente de mudança, muda a condição do homem, mas a sua substância continua a subsistir com toda a certeza, pois a substância é atemporal, imortal, e que em seu tempo específico, devolverá não só a ressurreição da alma, mas também a do corpo. O autor chama de ignorantes aqueles que afirmam que, com a morte, a carne morre temporariamente, até que o *Logos* devolverá a ela à vida. Então, uma segunda alteração ocorrerá, porque o que foi uma vez carne, formada e depois dissolvida pela morte, tornando-se pó e cinzas, se levantará da terra e, em seguida, de acordo com os méritos da alma que habita nele, alcançará a glória de um corpo espiritual, um corpo novo, ressurreto.

Devemos, portanto, pensar que toda essa substância corporal será colocada nesse estado, quando todas as coisas foram reduzidas à unidade e Deus, quando tudo será tudo. Tudo isso, no entanto, entenda-se bem, não será realizado de repente, mas pouco a pouco e por graus, ao longo dos séculos, sem número ou medida. Não se pode definir um tempo determinado por algo que a lei do tempo não existe mais, que é no escatón, e para esse processo de transformação, de acordo com Orígenes, acontecerá de forma imperceptível, individual, em seu próprio tempo, indivíduo por indivíduo. A ideia do

autor é que alguns correrão em direção à perfeição muito rapidamente, antecipando a outros que demorarão um pouco mais, e, finalmente, os restantes terão a sua transformação em um tempo mais longo. Praticamente um esboço dos lugares/estados da alma no pós-morte, céu ressurreição imediata, purgatório, estágio intermediário, e inferno, decisão imediata ou ação após o juízo final.

Portanto, quando todas as almas racionais foram restauradas para este novo estado, a natureza do corpo humano será transformada em um corpo espiritual. Nesse momento, será tudo em todos. Ele será tudo em cada indivíduo, então, nada será nada mais do que Deus. Ele não verá mais que Deus, ele não pensará mais que em Deus, ele não possuirá mais do que Deus. Deus será a medida e a regra de todas as ações e os movimentos, de modo que Deus será tudo para cada indivíduo. Não haverá mais distinção entre bem e o mal, pois o mal não existirá mais. Deus será tudo para cada indivíduo, e junto Dele não haverá mais mal.

No entanto, esta restauração universal, a apocatástase, não é em si, o fim do mundo, mas apenas uma fase transitória. Esta é uma grande influência de Platão, pois segundo Orígenes, antes de começar a existir este mundo, existiam outros mundos, e, sucessivamente, outros irão surgir em sucessão ilimitada. A apocatástase está acontecendo sem interrupção simultaneamente com a criação e a destruição dos mundos. Uma das objeções que Orígenes recebeu quando defendeu essa ideia foi a de que se o mundo teve seu início no tempo, o que Deus fazia antes? Que o mundo existia? Para esse autor, é simples: Deus estava criando o próprio tempo e o próprio mundo, não precisa que o mundo existisse para Ele existir. Parece extremamente incoerente para Orígenes pensar que a natureza de Deus estava ociosa e inerte, ou supor que a bondade de Deus poderia ter sido algum tempo sem fazer o bem; mesmo que Ele não tenha criado todas as coisas simultaneamente, não quer dizer que Ele não estivesse criando algo, o próprio tempo estava sendo criado quando não existia o tempo.

Para Orígenes, Deus não começou a trabalhar apenas quando ele criou este mundo visível, mas antes de cria-lo e também estará trabalhando após a destruição dele, reforçando a questão da criação e destruição dos mundos. Não dá para saber quantos outros mundos existiam antes deste que o homem vive, nem os que virão mais tarde. Mas, segundo Orígenes, não se pode afirmar que existam mundos coexistindo simultaneamente, pois o movimento sempre será de que, após o fim de um mundo, terá o surgimento de um outro mundo. O mundo será destruído quando os homens recaídos

optarem, com o uso do livre-arbítrio, mais pelo mal do que pelo bem. Nesse momento, segundo Orígenes, torna-se necessária a destruição de um mundo para a criação de um outro, e assim será eterno o movimento de destruição e criação.

A doutrina de Orígenes sobre a pré-existência de almas também está intimamente relacionada com sua ideia de apocatástase, isto é, restauração universal. Uma vez que este mundo que vive o homem, o visível, foi precedido por outro, as almas humanas pré-existentes são espíritos que se separaram de Deus no mundo anterior. Uma vez que todas as almas vieram do “coração” de Deus, aquelas que se separaram do seu “coração” são pré-existentes no novo mundo em decorrência do mundo anterior, e, portanto, se encontram agora, no novo mundo, em um novo corpo, em um estado diferente das novas almas geradas neste novo mundo. E algumas características da alma pré-existente são carregadas agora no novo mundo, como por exemplo, sua história, autonomia, pecados, mas pela graça de Deus, é isso que concede a cada uma a diversidade dos homens no mundo visível.

Nessa concepção, para Orígenes, não é mais razoável dizer que cada alma é introduzida em um corpo na concepção, mas, ao contrário, essas almas já existem em Deus, neste novo mundo, ou advindos de um novo mundo, e no momento da concepção neste mundo, ela é introduzida de acordo com os seus méritos, baseado nas suas ações passadas.

1.3 Consumo e fim do mundo

Orígenes inicia o tema no “Tratado sobre os princípios” alegando ser um tema complexo e alerta o leitor sobre prevenção em receber os conceitos que possam parecer heréticos em relação à doutrina da Igreja, passando a advertência, já postula um grande conceito: “Haverá fim e consumação do mundo quando cada um for submetido às penas merecidas pelos seus pecados, mas quando é que cada um vai pagar pelo que merece, só Deus sabe”. (ORÍGENES, 2012, p. 108).

A visão de Orígenes é que Cristo reunirá toda a sua criação em um único final, e em que conduzirá e submeterá até os inimigos a um juízo final. O autor tem a visão clara de um juiz que pode reduzir e submeter os seus inimigos e para isso usa passagens da Sagrada Escritura para fundamentar seus argumentos. Cita Salmos: “O Senhor diz a meu Senhor: senta-te à minha direita até que eu faça dos teus inimigos um assento para

os meus pés” (BÍBLIA, Sl 110:1). Também cita o apóstolo Paulo: “É preciso que Cristo reine até que tenha colocado todos os seus inimigos sob os seus pés” (BÍBLIA, 1Cor:15, 25).

Essa submissão dos inimigos ao juízo e castigo de Deus é um dos argumentos da soteriologia de Orígenes; essa submissão a Cristo é a mesma submetida pelos apóstolos e todos os santos que seguiram o próprio Cristo, ela indica intrinsecamente a salvação que vem do próprio Cristo Senhor. E cita novamente Salmos para justificar sua argumentação: “A minha alma não será submissa a Deus? Pois é dele que vem a minha salvação” (BÍBLIA, Sl 61: 2).

Quando se saberá que é o fim e a consumação de tudo o que existe? Para Orígenes é simples a resposta:

Quando todos os inimigos serão submetidos a Cristo, quando o último inimigo, a morte, for destruído, e quando o reino for entregue a Deus Pai por Cristo, a quem tudo estiver submetido, digo que é deste fim que olhamos para o começo das coisas, assim deve entender que o princípio de tudo é um. (ORÍGENES, 2012, p. 108).

Se o fim e o começo são para todas as coisas, Orígenes entende que esse processo se dará para numerosos seres, ou para todos, e terão bons fins “aqueles que se submeterem a bondade de Deus, pela submissão a Cristo e pela unidade do Espírito Santo” (ORÍGENES, 2012, p. 109). De acordo com ele, todos os seres precisam dar testemunho dessa submissão para serem submetidos a salvação, pois é da submissão que vem a salvação, sejam os seres celestes, terrestres ou os dos infernos, isso compreende e embarca todas as categorias que designam o mundo, o universo.

Uma das maneiras de justificar o porquê de alguns seres estarem em lugares diferentes no universo, é de acordo com a sua ligação à bondade de Deus e no bom uso de sua liberdade em permanecer junto a Ele. Orígenes apresenta novamente o conceito de Trindade como modelo de bondade substancial e divina perfeita:

Aqueles que a partir de um começo único, comportando-se de maneira diferente de acordo com os seus próprios movimentos, foram distribuídos de diversas ordens, conforme seu mérito; a bondade não estava neles de modo substancial como está em Deus, no seu Cristo e no Espírito Santo. Só nessa Trindade, autora de todas as coisas, está a bondade de modo substancial. Todos os outros seres têm uma bondade accidental e que pode decair, portanto, estão na bem-aventurança quando participam da santidade, da sabedoria e da própria divindade. (ORÍGENES, 2012, p. 109).

Essa classificação dos seres em diversas ordens distribuídas segundo a bondade de Deus e a liberdade dos seres vale para anjos, arcanjos e para o próprio gênero humano,

sendo que para este último haverá um momento de se restabelecer a unidade dos homens por meio do momento da consumação final. Orígenes postula diversas passagens das Sagradas Escrituras mostrando como o Senhor Jesus irá restabelecer essa unidade dos filhos com o Pai: “Eu te peço não apenas por eles, mas por todos aqueles que acreditarão em mim pela tua palavra, a fim de que todos sejam um como eu sou um contigo, Pai, e tu em mim, para que eles sejam um em nós” (BÍBLIA, Jo 17:20-21). E continua: “Para que eles sejam um, como nós somos um, eu neles e tu em mim, para que eles se realizem na unidade” (BÍBLIA, Jo 17:22-23). Depois cita o apóstolo Paulo mostrando que esta unidade pode se dar no dia da consumação final, mas também pode ser antecipada, como um céu na terra, ou uma experimentação do Reino de Deus, a partir da nossa relação com a Igreja de Cristo: “A fim de que todos digam as mesmas coisas, e não haja cismas entre vós, para que sejais perfeitos num só e mesmo pensamento, numa só e mesma opinião” (BÍBLIA, 1Cor 1:10).

Orígenes coloca uma questão em relação à possibilidade de mudar de ordem, uma vez que o juízo particular já tiver acontecido, isto é, que uma alma que esteja no estágio inferior, entregue ao domínio do diabo, se ela pode voltar ao estado de bondade e mudar de ordem, indo, por exemplo, para o céu:

Nos mundos das realidades visíveis e temporais, como no das realidades invisíveis e eternas, todos são dispostos numa ordem segundo sua racionalidade e o grau e dignidade dos seus méritos. Assim é que uns nos primeiros tempos e outros nos segundos e alguns até nos últimos, passando pelos tormentos maiores e mais graves, e mesmo contínuos, suportados por assim dizer durante muitos séculos, são reformados pelos castigos mais duros e restabelecidos, sendo instruídos primeiro pelos Anjos e depois também pelos poderes dos graus superiores, desse modo são levados de degrau a degrau às realidades superiores e chegam àquelas que são invisíveis e eternas, exercendo de certo modo cada uma das funções dos poderes celestes como numa espécie de instrução. Daqui, me parece, decorre uma consequência: cada natureza racional pode, passando de certa ordem a outra, chegar a todas através de cada uma, e a cada uma através de todas, uma vez que cada ser, por causa da faculdade do livre arbítrio, é capaz de vários tipos de progresso ou de recuo, conforme suas ações e esforços. (ORÍGENES, 2012. p. 112).

Orígenes fundamenta sua ideia de consumação final e de como as realidades visíveis e temporais passarão para uma outra realidade, sem que haja transformação ou corrupção de substância, embasando-se em algumas passagens para mostrar sua visão. Desse modo, cita o apóstolo Paulo, o livro dos Salmos e o profeta Isaías para dar

notoriedade e clareza no seu pensamento. Diz o apóstolo Paulo, em relação a não alteração de substância: “A forma exterior do mundo passará” (BÍBLIA, 1Cor 7:31). Já o livro dos Salmos complementa: “Os céus perecerão, mas tu, permanecerás” (BÍBLIA, Sl 101: 27). Por sua vez, Isaías parece completar o raciocínio: “Que haverá um novo céu e uma nova terra” (BÍBLIA, Is 65:17). Essa renovação do céu e da terra, a mudança da forma exterior do mundo visível para um mundo invisível será para todos aqueles que caminharem com o bom uso da sua liberdade para a bondade de Deus, se dirigindo para a Ilha dos Bem-Aventurados e submetidos no fim a Deus, pois “Ele será tudo em todas as coisas” (BÍBLIA, 1Cor 15: 28).

O movimento é de consumação e criação, criação e destruição. É preciso entender que ao mesmo tempo em que não se saiba como a consumação se dará, e nem que natureza terá no escatón, uma vez que não se conhece bem a natureza do Pai, Orígenes recorda que o apóstolo João, mesmo afirmando no prólogo do seu evangelho “Deus mesmo, ninguém nunca viu” (Jo 1, 19), quando pensa na natureza humana com Deus, diz: “Não sabemos ainda o que seremos, quando isso nos for revelado, seremos semelhantes a ele” (BÍBLIA, 1Jo 3:2), referenciando à ideia de que fomos criados a imagem e semelhança de Deus, sob pedido do próprio Deus ao seu Pai, quando ele diz: “Pai, quero que lá onde eu estiver eles também estejam comigo” (Jo 17, 24) e “como eu e tu somos um, que eles sejam um conosco” (BÍBLIA, Jo 17: 21).

Orígenes conclui: “Parece aqui que, de semelhante, se fará um, porque, sem dúvida, na consumação ou fim, Deus será tudo em todos”. (ORÍGENES, 2012, p. 275). Ora, é importante que se postule que a ideia de que Deus será tudo em todos tem a ver com processo de consumação e salvação e não simplesmente que adotará as substâncias e particularidades de todas as suas criaturas; a ideia de que Deus está em todo lugar e em todas as coisas, isto é, no sentido de que nada pode estar vazio de Deus, e não que em Deus esteja presente e, portanto, possua as particularidades de todas as coisas. Afirma Orígenes: “Não se diz somente que Deus está em tudo, mas que ele é tudo”. (ORÍGENES, 2012, p. 275).

Ser tudo em todas as coisas também pode ser entendido que Deus será tudo em tudo, mas também em cada ser particular, presente na sua natureza racional para que o homem possa

[...] sentir Deus, pensar Deus, ver Deus, estar com Deus, Deus será todos os seus movimentos, e assim é que Deus será tudo para ela. Não haverá mais discernimento do bem e do mal, pois que Deus é tudo para ela, e nele o mal não existe e aquele para quem Deus é tudo e está

sempre no bem não mais desejará comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Portanto, se o fim reconduzido à condição inicial, e a consumação das coisas retornada ao seu princípio, restaurarão o estado que tinha então a natureza racional quando ela não tinha necessidade de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, depois de ter afastado todo sentimento de maldade, de o ter retirado para chegar à integridade e à pureza, aquele que é único Deus bom será só para ela e nela será tudo, não somente em alguns, nem em muitos, mas em todos, quando já não haverá mais morte e não mais agulhão da morte, e absolutamente mal nenhum, então Deus será verdade em todas as coisas. (ORÍGENES, 2012, p. 276).

Quando se fala que “o último inimigo a ser destruído é a morte” (BÍBLIA, 1Cor 15:26), o que de fato se quer dizer? Ora, mesmo que o último inimigo chamado morte seja destruído, de tal maneira que não haverá mais nada funesto onde a morte já não existirá mais, nem diferente, porque não haverá mais inimigo, é preciso compreender essa destruição da morte, não como algo substancial, isto é, de que a substância feita por Deus, a morte, perecerá, ao contrário, está se dizendo que tudo o que não provem de Deus, tudo isso será destruído, “não para que não exista, mas para que não seja mais inimigo nem morte”. (ORÍGENES, 2012, p. 278).

A morte precisa ser vencida, simplesmente, porque os seres que foram criados por Deus para existir e durar não podem receber uma morte que os atinja na sua substância. Orígenes postula algo fundamental acerca dessa ideia de vencer a morte. Diz ele:

Nós que acreditamos na ressurreição, compreendemos que aí a morte apenas produz mudança, pois estamos certos de que a sua substância permanece e que, em determinado momento, quando quiser O Criador, será de novo restaurada para viver e passará por outra mudança, de fato, o que antes era carne terrestre, vinda da terra, depois dissolvida pela morte e outra vez feita cinzas e terra – “tu és terra e voltarás para a terra” (Gn 18:27) –, ressuscitará da terra e daí em diante progredirá até a glória do corpo espiritual, conforme o requererem os méritos da alma que a habita. (ORÍGENES, 2012, p. 278-279).

Há um questionamento recorrente de como será o novo corpo ressurreto das almas que alcançaram a salvação e que são chamadas a habitar o Campos Elísios, o lugar das Bem-Aventuranças. Alguns insistem em dizer que o corpo ressurreto é feito de um material completamente diferente dos quatro elementos que compõem o corpo do ser humano, talvez fazendo alusão ao elemento éter, que permeia as demais partículas do vazio do cosmos. Chegam até mesmo a afirmar que na ressurreição serão dados, aos que ressuscitarem, novos corpos. Orígenes não concorda com essas afirmações e é bem categórico ao dizer: “Os corpos que serão dados aos que ressuscitaram dos mortos não

são novos, mas receberão os mesmos corpos que tinham nessa vida, transformados do pior para o melhor”. (ORÍGENES, 2012, p. 280).

Orígenes fundamenta seus argumentos na visão do apóstolo Paulo, que diz: “Um corpo animal é semeado, um corpo espiritual ressuscitará” e “semeado na corrupção, ressuscitará na incorrupção, semeado na fraqueza, ressuscitará na força, semeado na obscuridade, ressuscitará na glória” (BÍBLIA, 1Cor 15:42-44). Tudo isso é confirmado pela visão do profeta, que diz: “Deus, fez todas as coisas e as transforma” (BÍBLIA, Am 5:8).

Ora, “deve-se pensar que, na consumação e restauração de todas as coisas, progredindo pouco a pouco, e ascendendo com ordem moderada, chegarão de início a essa terra a instrução que nela é dada, onde serão preparados para regras melhores, às quais nada pode ser acrescentado”. (ORÍGENES, 2012, p. 282). Deus reinará sobre todos e submeterá todos ao Pai, que ele submeteu todas as coisas, isto é, quando tiverem sido feitos capazes de receber Deus, Deus será neles tudo em todos.

Todas essas coisas parecem lógicas e fundamentadas, mas como diz o próprio autor: “O mais certo é que só Deus, e aquele que são seus íntimos por Cristo e pelo Espírito Santo, sabe como tais coisas acontecerão”. (ORÍGENES, 2012, p. 113).

1.4 O reino de Deus, esperança dos cristãos

Orígenes, neste tema, está debatendo com Celso que está acusando os cristãos de idolatria quando estão pregando sobre o reino de Deus. Celso não cita nenhuma das passagens das Sagradas Escrituras quando debate com Orígenes, mas utiliza frequentemente passagens do diálogo Fedro de Platão (428 – 347 a.C). Para efeitos didáticos, apresenta-se como se desenvolve os argumentos de acusação e apologia.

Começa-se por uma citação de Platão admirada e postulada por Celso:

Em volta do rei do universo gravitam todas as coisas; elas todas existem para ele, ele é a causa de toda beleza. Em volta do segundo estão as coisas de segunda categoria; em volta do terceiro, as de terceira categoria. A alma humana aspira conhecer o que elas são, fixando o olhar sobre as coisas que lhe são aparentadas, das quais nenhuma é perfeita. Sem dúvidas quando se trata do rei e dos príncipes de que falei, nada disso existe, [e, continua] por terem compreendido mal as expressões platônicas, alguns cristãos exaltam o Deus supraceleste e se elevam acima do céu dos judeus. (ORÍGENES, 2004, p. 470).

Orígenes inicia a defesa dos cristãos interrogando se de fato eles realmente exaltam o Deus ou se eles simplesmente rompem a barreira da visão de céus que tanto os gregos tinham: a ideia do limite das esferas fixas, abordada, sobretudo por Aristóteles (384 – 322 a.C), no livro “Do Céu”, ou até mesmo a ideia do céu pelo qual juram os judeus. A questão não está em discutir os deuses adorados pelos gregos nem a suas visões sobre o céu, nem o Deus adorado pelos judeus e sua visão sobre o jardim do Éden (céu), trata simplesmente de advertir Celso e seus seguidores que os profetas do judaísmo, ao desenvolverem a visão do paraíso, não tiveram influência de Platão, sobretudo, porque eles são mais antigos que o próprio Platão.

Na visão de Orígenes, quando Platão está dizendo “em volta do rei do universo gravitam todas as coisas; elas todas existem para ele”, podemos entender na visão dos judeus que é o próprio Espírito de Deus que pairava sobre o nada, ou a visão cristã, que é o Espírito Santo que está presente em todos os momentos da criação. Logo, a defesa de Orígenes é que Platão não foi o primeiro a falar sobre um lugar supraceleste como propõe Celso, pelo contrário, muito tempo antes, no tempo de Davi, já se percebia a abundância de pensamentos e proposições acerca do tema, de um Deus que recompensa e eleva aos céus aqueles que permanecem firmes em seu propósito. Orígenes utiliza uma citação para defender esta ideia: “Louvai-o, céus do céus e águas acima dos céus! Louvem o nome de Iahweh!” (BÍBLIA, Sl 148:4-5).

Orígenes também cita o apóstolo Paulo, mostrando a sua aspiração às coisas supraterestrres e supracelestes. Ele diz: “Pois nossas tribulações momentâneas são leves em relação ao peso eterno de glória que elas nos preparam até o excesso. Não olhamos para as coisas que se veem; pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno” (BÍBLIA, 2 Cor 4:17-18).

O que se vê é transitório, o que não se vê é eterno. As coisas que se vê, isto é, as sensíveis, visíveis só possuem um tempo, ao contrário, as coisas que não se vê, ou seja, as inteligíveis, invisíveis são eternas, não estão sujeitas ao tempo. Por isso, tanto para Orígenes quanto para o apóstolo Paulo, todas as coisas que nos impedem de alcançar a eternidade parecem não ter importância. Isso vale para as provações, tribulações, perseguições, nada disso importa, se o foco do ser humano for a busca pelo eterno. Nisso, o discípulo Matheus possuía razão, quando diz: “Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e as traças corroem, onde os ladrões furtam e roubam. Ajunteis para vós tesouros no céu, onde não os consomem nem as traças nem a

ferrugem, e os ladrões não furtam nem roubam. Porque onde está o teu tesouro, lá também está teu coração” (BÍBLIA, Mt 6:19-21).

Segundo Orígenes, devemos buscar o reino de Deus, pois temos “um sumo sacerdote eminente, que atravessou os céus” pela grandeza do seu poder e de seu espírito, “Jesus Cristo, Filho de Deus” (BÍBLIA, Hb 4:14). Pois Cristo prometeu àqueles que de maneira digna vivam as coisas divinas, conduzir a cada um aos bens que estão além deste mundo, isto é, aos céus. A fim de cumprir a promessa em que diz: “a fim de que, onde eu estiver, estejais vós também” (BÍBLIA, Jo 14:3).

As dificuldades, as tribulações, os sofrimentos devem ser suportados, pois temos a grande esperança de, “depois dos sofrimentos e das lutas deste mundo, chegar aos cumes celestes, e receber fontes de água jorrando para a vida eterna” (BÍBLIA, Jo 4:14), conforme a doutrina de Jesus, conter rios de contemplações e estar com estas águas ditas supracelestes que louvam o nome do Senhor (BÍBLIA, Jo 7:38). E complementa, dizendo: “Enquanto durar nosso louvor, não seremos levados para longe do círculo do céu”. (ORÍGENES, 2004, p. 471).

A esperança dos cristãos sempre foi um tema bem questionado e criticado por homens como Celso, pois é nela, de que Cristo que venceu a morte, que nos levará para a sua morada, uma vez que pregou tanto sobre o novo céu e uma nova terra, no anúncio do seu reino, o reino de Deus. Celso questiona Orígenes quando pergunta “onde queremos ir, e que esperança temos nós” (ORÍGENES, 2004, p. 563). A resposta é simples: queremos ir para uma terra melhor do que esta, o que os antigos chamaram de Ilhas dos bem-aventurados, queremos ir para os Campos Elísios, pois lá estão todos os homens que entenderam e colocaram em prática a mensagem de Cristo.

Tanto Moisés quanto Platão falam de uma terra boa para que as almas possam habitar. Moisés ele fala de uma terra onde correm leite e mel, e no diálogo Fédon é apresentada uma terra pura na parte pura do céu, a qual Orígenes chama de Jerusalém Celeste. E nesse ponto, ele cita o apóstolo Paulo, que diz: “Vós vos aproximastes do monte Sião e da Cidade de Deus vivo, da Jerusalém, celestial, e de milhões de anjos reunidos em festa” (BÍBLIA, Hb 12:22).

Depois Orígenes realiza algumas citações do Salmo 36 para reforçar os argumentos do lugar sagrado para onde as almas boas serão enviadas e os castigos que as almas ruins sofrerão. Diz o Salmo 36: “Os maus serão extirpados e os que esperam no Senhor possuirão a terra [e, continua] espera pelo Senhor e observa o seu caminho;

ele te exaltará, para que possuas a terra: tu verás os ímpios extirpados” (BÍBLIA, SI 36:9, 22,34). Para Orígenes, as retribuições estão baseadas sempre na perseverança do homem aos caminhos propostos por Deus, é preciso viver nos caminhos do Senhor, mas o arrependimento e a conversão são vistos com bons olhos para ele, que tem como modelo de cristão, Paulo, o maior dos cristãos, que passa de perseguidor dos cristãos para perseguido após a sua conversão e entrega total a Cristo e sua missão.

O maior desejo dos cristãos, onde colocam as suas esperanças, é na ressurreição dos justos e nas recompensas no pós-morte pelos seus esforços. O próprio Celso, segundo Orígenes, “aprova como opinião justa a doutrina segundo a qual os que levaram vida virtuosa serão felizes, mas as pessoas injustas serão punidas para sempre com os castigos eternos” (ORÍGENES, 2004, p. 656).

Ressalta-se que o tema dos destinos da alma após a morte foi abordado no capítulo II sobre a escatologia da pessoa, mas ainda se faz necessário entender que o castigo só será eterno, caso a alma, durante o juízo final, seja destinada de fato ao inferno. A Igreja da época de Orígenes, nem mesmo a Igreja atual em todos os seus anos de teologia sistemática com o refinamento da disciplina da escatologia, afirma que tenha alguma alma nesse lugar/estado.

Por isso, a crítica de Orígenes ao próprio Celso, que ao mesmo tempo em que escreve e fala sobre como a alma deve fazer para alcançar a cura e a eternidade, ele ataca veementemente os cristãos com argumentos fracos e caluniosos:

Admitindo-se que os que levaram uma vida virtuosa serão felizes e que as pessoas injustas serão punidas para sempre com castigos eternos, Celso deveria ser consequente consigo mesmo e, se fosse capaz, depois do argumento que lhe parece principal, devia definir e demonstrar longamente a verdade da afirmação segundo a qual pessoas injustas serão punidas para sempre com castigos eternos, e que os que tiverem levado uma vida virtuosa serão felizes. (ORÍGENES, 2004, p. 657).

Ora, para o autor em tela, é forte a pregação e a convicção dos que levaram uma vida virtuosa serão felizes, observando que até estranhos à fé dão sobre a vida virtuosa diversos argumentos semelhantes aos nossos [espécie de boas ações cristãs, mesmo não sendo cristão, o que mais tarde chamaram de sementes do verbo], “pois não encontraríamos ninguém que tivesse perdido inteiramente as noções do bem e do mal, do justo e do injusto” (ORÍGENES, 2004, p. 658).

E continua:

[...] que todos os homens cuidem de não fazer nada que desagrade o Criador do Universo, de suas almas e do espírito que está nelas, que estejam convencidos que serão castigados por causa de seus pecados, mas receberão daquele que trata cada um segundo seu mérito uma recompensa proporcional às obras perfeitas e convenientes. Que todos os homens sejam persuadidos que eles passarão a uma vida feliz pelas suas boas ações, mas que os maus serão miseravelmente entregues aos sofrimentos e aos tormentos pelas suas injustiças, intemperanças, excessos, como também pela sua covardia, pusilanimidade (fraqueza de ânimo) e toda loucura. (ORÍGENES, 2004, p. 658).

Percebemos claramente que Orígenes quando trata da pessoa, Escatologia da Pessoa quando do mundo, Escatologia do Mundo, mostra um forte posicionamento sobre o modo que se deve viver. É preciso cuidar de ações que elevam a alma e torne o homem uma pessoa melhor. Quando se trata da relação do homem com Deus, também é necessário sempre rever as ações do homem com aquilo que ele relaciona, pois essa relação eleva sua alma, torna-o mais conectado com o criador e eleva os outros com quem se relaciona. Boas ações individuais elevam o espírito do homem; boas ações coletivas agradam o criador e torna o homem melhor com Ele e com o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvidas, Orígenes é o maior dos expoentes da Escola Alexandrina, trabalhou inúmeros temas dentro de sua filosofia e teologia, foi pioneiro ao estabelecer uma visão hermenêutica na análise de textos sagrados, sejam do Antigo Testamento ou do Novo Testamento, trazendo em seus estudos não somente abordagens históricas, mas também reflexões atuais, bem como projeções para uma crítica das passagens bíblicas.

Em relação ao tema deste estudo, a escatologia, ele trabalhou fortemente e com muito embasamento filosófico e bíblico o que denominamos Escatologia da Pessoa, isto é, a visão do grande momento da vida do homem, sua morte e os destinos de sua alma no pós-morte (céu, purgatório e inferno) e a Escatologia do Mundo, ou seja, sua definição da doutrina do Logos, depois para os demais temas: começo do mundo e as causas, apocatástase – restauração universal, consumação e fim do mundo, reino de Deus e esperança dos cristãos, embasado, sobretudo em suas duas grandes obras: “Contra Celso” e “Tratado sobre os Princípios”.

Percebemos, no trajeto deste estudo, a sua grandiosidade ao abordar temas ligados à morte e ao pós-morte, trabalhando um diálogo rico ao tentar entender a alma humana com Platão, nos diálogos Fedro e Fédon, e ao definir alma, trabalhando um tema que lhe rendeu muitas dificuldades com a Igreja, que foi a sua definição de pré-existência da alma a partir da sua visão de criação e destruição de múltiplos mundos pelo próprio Deus.

Ao definir sua doutrina do Logos e de como foi todo o começo do mundo, ele aborda outro tema polêmico, mas ao mesmo tempo curioso e abrangente em uma visão de liberdade doutrinal que foi o tema da apocatástase, ou restauração universal, em que enxerga a possibilidade de salvação mais ampla, do que somente a prevista em sua época e também na nossa, pela doutrina escatológica católica, em sua visão tradicional. Enriquece sem dúvidas as discussões quando trabalha os temas de consumação e fim do mundo, o que ajudou a doutrina católica a estabelecer as suas bases para reforçar a própria visão de Cristo sobre o reino de Deus e a esperança dos cristãos, que é a possibilidade de enxergar, ainda em vida, como alcançar as Ilhas dos Bem-Aventurados, ou como chamaria Platão, os Campos Elísios.

A escatologia é um tema caro para a doutrina cristã católica e, sem dúvidas, Orígenes de Alexandria contribuiu muito para desenvolver o que se tem até hoje

guardado no “*depositum fidei*” do Magistério da Igreja e da doutrina escatológica cristã católica.

Os seus ensinamentos foram inovadores para o seu tempo e algumas de suas visões foram condenadas pelo mesmo Magistério da Igreja, temas das duas principais condenações feitas em concílios. No I Concílio de Nicéia (1º ecumênico), de 19 de junho a 25 de agosto de 325 d.C, convocado pelo imperador Constantino o Grande, temos uma nota sobre o problema da castração, fato submetido por Orígenes durante a sua vida. Diz a ata do Concílio que se alguém foi mutilado pelos médicos por ocasião de uma enfermidade ou castrado pelos bárbaros, pode permanecer no clero. No entanto, se alguém, estando em boa saúde se castrou a si mesmo, deve ser excluído da pertença ao clero; e que então nenhum desses seja admitido. “Ora, como evidentemente o que foi dito se refere àqueles que façam isso deliberadamente e ousem castrar-se a si mesmos, a regra admite ao clero quem estiver sido feito eunuco pelos bárbaros ou pelos próprios patrões, mas foi digno sob os outros aspectos” (DENZINGER, 2007, p. 53).

A segunda citação no II Concílio de Constantinopla (5º ecumênico) de 5 de maio a 2 de junho de 553 d.C, convocado pelo imperador Justiniano, em que trata de 114 anatematismos, mas 13 especificamente estão ligados a problemas de más interpretações e ensinamentos errados sobre a Trindade e sobre as substâncias ou naturezas divinas. Orígenes não é citado diretamente, mas sabemos que seus ensinamentos sobre a subordinação do Filho em relação ao Pai está descrita na ata de forma geral e também sua doutrina da pré-existência da alma foi condenada pelo Magistério. A nota então cita Orígenes, “Se alguém não confessa que nosso Senhor Jesus Cristo, crucificado em sua carne é verdadeiro Deus, Senhor da glória e um da santa Trindade: seja anátema. Se alguém não anatematiza Ário, Eunômio, Macedônio, Apolinário, Êutiques e Orígenes juntamente com seus ímpios escritos, bem como todos os outros hereges condenados pela santa Igreja católica e apostólica e pelos quatro supracitados concílios, e também os que professaram ou professam doutrinas semelhantes àquelas dos supracitados hereges e persistem na própria impiedade até a morte: seja anátema” (DENZINGER, 2007, p. 157).

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRIA, Clemente de. *Exortação aos gregos*. São Paulo: É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda., 2013. Rita de Cássia Codá dos Santos. Disponível em: <https://kupdf.com/download/clemente-de-alexandria-exorta-ccedil-atilde-o-aos-gregos-pdf_58dc3b92dc0d60fb7889719d_pdf>. Acesso em: 19 mar. 2018.
- ALEXANDRIA, Clemente de. *O Pedagogo*. Campinas São Paulo: Ecclesiae, 2016.
- ALEXANDRIA, Clemente de. *Stromata I, Cultura e Religi3n*. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1996.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 5ª impressão. Editora: Paulinas, 1991.
- DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrologia*. Vozes. 2003.
- DENZINGER, Hünermann. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas & Loyola, 2007.
- ENCICLONET. *Beryl de Bostra (século III)*. 2018. Online. Disponível em: <<http://www.mcnbiografias.com/app-bio/do/show?key=berilo-de-bostra>>. Acesso em: 19 mar. 2018.
- ESCATÓN. *Diccionario-internacional.com*, 13 mar. 2018. Tradução nossa. Disponível em: <http://diccionario-internacional.com/definiciones/?spanish_word=eschaton>. Acesso em: 13 mar. 2018.
- HÉLIO. *Vida e obra de Orígenes*. 2017. Online. Disponível em: <<http://www.e-cristianismo.com.br/historia-do-cristianismo/biografias/vida-e-obra-de-origenes.html>>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- ORÍGENES. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004.
- ORÍGENES. *Tratado sobre os princípios*. São Paulo: Paulus, 2012.
- OCULTURA. *Primeiro Concílio de Constantinopla*. 2018. Online. Disponível em: <http://www.ocultura.org.br/index.php/Primeiro_Concilio_de_Constantinopla>. Acesso em: 22 mar. 2018.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BLANK, Renold, J. *Escatologia da Pessoa: vida, morte e ressurreição*. Escatologia I. Editora: Paulus, 2000.

BLANK, Renold, J. *Escatologia do Mundo: projeto cósmico de Deus*. Escatologia II. Editora: Paulus, 2000.

BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte*. Editora: Vozes, 1984.

FRANGIOTTI, Roque. *História das heresias: (Séculos I-VII): conflitos ideológicos dentro do cristianismo*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

HAMMAN, A.-G. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos (95-197)*. São Paulo: Paulus, 1997.

LIBÂNIO, João B.; BINGEMER, Maria Clara. *Escatologia cristã: o novo céu e a nova terra*. Editora: Vozes, 1985 (Coleção Teologia e Libertação/ série III – a libertação na história).

LIÉBAERT, Jacques. *Os padres da igreja: volume 1: séculos I-IV*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MORESCHINI, Claudio. *História da Filosofia Patrística*. Loyola. 2008.

MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina: volume 1: De Paulo à Era Constantianiana*. São Paulo: Loyola, 1996.

MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina: volume 2 – Tomo 1: Do Concílio de Nicéia ao início da Idade Média*. São Paulo: Loyola, 2000.

MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina: volume 2 – Tomo 2: Do Concílio de Nicéia ao início da Idade Média*. São Paulo: Loyola, 2000.

QUASTEN, J. *Patrología I: Hasta el concilio de Nicea*. Tercera edicion. Biblioteca de autores cristianos, 1978.

PORTAL EDUCAÇÃO. Disponível em:

<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/filosofia-medieval-patristica-e-escolastica-resumo/51214>>. Acesso em: 23 mar. 2018.